

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

GABRIELA RIVA ROMAN

*MUERTE QUERIDA DE MI CORAZÓN, NO ME DESAMPARES CON TU
PROTECCIÓN: OS CAMINHOS DA MARGINALIZAÇÃO DO CULTO A SANTA
MUERTE NO MÉXICO (SÉCULO XXI)*

CHAPECÓ
2022

GABRIELA RIVA ROMAN

***MUERTE QUERIDA DE MI CORAZÓN, NO ME DESAMPARES CON TU
PROTECCIÓN: OS CAMINHOS DA MARGINALIZAÇÃO DO CULTO A SANTA
MUERTE NO MÉXICO (SÉCULO XXI)***

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito para a obtenção de
grau de Licenciatura em História da
Universidade Federal da Fronteira Sul.
Orientador: Prof Dr Vicente Neves da Silva
Ribeiro

CHAPECÓ

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Roman, Gabriela Riva

MUERTE QUERIDA DE MI CORAZÓN, NO ME DESAMPARES CON TU PROTECCIÓN: OS CAMINHOS DA MARGINALIZAÇÃO DO CULTO A SANTA MUERTE NO MÉXICO (SÉCULO XXI) / Gabriela Riva Roman. -- 2022.

70 f.

Orientador: Professor Doutor Vicente Neves da Silva Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2022.

1. História da América Latina. 2. Religiosidades populares. 3. Conflitos sociopolíticos. I. Ribeiro, Vicente Neves da Silva, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

GABRIELA RIVA ROMAN

***MUERTE QUERIDA DE MI CORAZÓN, NO ME DESAMPARES CON TU
PROTECCIÓN: OS CAMINHOS DA MARGINALIZAÇÃO DO CULTO A SANTA
MUERTE NO MÉXICO (SÉCULO XXI)***

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito para a obtenção de
grau de Licenciatura em História da
Universidade Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 12/04/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Vicente Neves da Silva Ribeiro – UFFS
Orientador

Prof^a. Dr^a Renilda Vicenzi - UFFS (Avaliador)

Prof. Dr. Delcio Marquetti - UFFS (Avaliador)

Dedico este trabalho a minha avó materna, *mia nonna*,
Juliana Maria Santinon Riva, que foi, e sempre será, o
meu maior exemplo de força, coragem e determinação.

AGRADECIMENTOS

Nunca fui muito boa com discursos de agradecimentos, mas felizmente, sou muito boa em me expressar escrevendo, sem contar que tenho muitos a quem agradecer e não poderia deixar passar em branco ou sem dedicar alguns minutos do meu tempo para escrever isso aqui para os mais especiais, afinal, essa foi uma grande jornada na minha vida, a mais marcante até então, que colocou em meu caminho grandes pessoas que me inspiraram e me incentivaram ao meu melhor.

Primeiramente, agradeço a minha mãe, Tânia, que apesar de tudo e todos, nunca deixou de acreditar em mim, e isso foi essencial para que eu chegasse até aqui; e a minha falecida avó materna, Juliana, que ao longo dos seus quase 95 anos de vida, me criou e me passou ensinamentos valiosos que me inspiram todos os dias em minha jornada. Ambas são meus maiores exemplos de mulheres e, apesar de não compartilharmos o mesmo sangue, me amaram sempre incondicionalmente.

Segundamente, aos meus amigos, seja aqueles que vem a anos comigo, ou seja aqueles que fiz durante a graduação: Caroline, uma das melhores pessoas que conheci ao longo da vida e que tenho a sorte de chamar de irmã, agradeço por todos os momentos que me apoiou e me incentivou ao meu melhor, você foi um porto seguro para minha mente e coração durante esse percurso tempestuoso; Ewelín, minha parceira de toda a graduação, desde quase o primeiro dia, vou sentir muitas saudades das noites de aulas contigo e até dos milhares de trabalhos que a gente fez juntas, era sempre nós, te encontrar nesse caminho foi muita sorte minha, a gente se entendeu de um jeito incrível, e tu sabe que vai ter que me levar para toda a vida, então, *boa sorte!* E, não posso esquecer de deixar meus agradecimentos a Milena, Vanessa e Lara, por também terem tornado esse período muito mais agradável e por tanto que me ajudaram sempre que precisei, guardarei as memórias que construímos juntas durante a graduação sempre em meu coração.

Terceiramente, agradeço ao Professor Doutor Orientador desta pesquisa, Vicente Neves da Silva Ribeiro que aceitou entrar nesse desafio comigo e cumpriu seu papel, guiando-me da melhor forma possível sempre. Aos professores que compuseram a banca de qualificação deste trabalho, Professora Doutora Renilda Vicenzi e Professor Doutor Délcio Marquetti, agradeço por todas as dicas, por todas as falas de incentivo,

por todas as críticas construtivas, pela ajuda e pelo seu tempo, saibam que tudo que me disseram foi muito importante e essencial para o andamento dessa pesquisa. Obrigada.

Não posso, de maneira nenhuma, deixar de agradecer meu fiel companheiro de quatro patas, que assim como meu personagem favorito das *Crônicas de Gelo e Fogo*, o bastardo Jon Snow, que tinha o lobo gigante albino Fantasma sempre ao seu lado, o protegendo durante todos os percursos desafiadores que teve que enfrentar em sua jornada solitária, eu tive meu gato, ironicamente, também albino, Apolo, ao meu lado enquanto eu redigia este trabalho. Meu bichano foi minha maior dose de serotonina para finalizar essa pesquisa.

Agradeço também a minha querida *Flaquita*, que me permitiu adentrar tantos enlaces e desencontros de sua trajetória e daqueles que se dedicam a adorá-la, fazendo com que eu mesma passasse a admirá-la. E, que também, me fez perceber que a nossa América Latina é muito maior do que pensamos, precisamos dar mais atenção as vielas mais estreitas de nossas veias abertas e explorá-las mais através dos olhos e experiências dos nossos, e menos daqueles que por tanto tempo nos exploraram e nos calaram.

E, por fim, e não menos importante, agradeço a mim mesma, por ter me mantido sã (ao menos em partes), depois de passar madrugadas a fio acordada e sugando toda a energia da cafeína de xícaras e mais xícaras de café extraforte que foram meu espinafre do *popeye* para conseguir finalizar essa pesquisa (e eu nem gosto de café). No fim, eu consegui ser o jogador número 456 dessa versão alternativa de *Squid Game* chamada também de 'vida acadêmica'.

Salud!

(...) De qualquer forma, não sou abençoada, nem misericordiosa. Só faço meu trabalho. Escute: Enquanto estamos aqui conversando também estou lá para os jovens e velhos, os que morrem juntos e os que morrem sozinhos. Estou em carros, navios e aviões; em hospitais e matadouros. Para algumas pessoas, eu sou a liberdade, para outras sou abominável, algo terrível. Mas, no final, chego para todas elas.

Sandman - Neil Gaiman

RESUMO

A presente pesquisa pretende analisar os caminhos percorridos para a construção da marginalização ao culto a *Santa Muerte*, que tem seu início intensificado desde o primeiro instante em que esse culto se tornou público em 2001, baseando-se em fontes e bibliografias selecionadas em uma análise histórico-antropológica, onde são analisados três elementos identificados como os principais responsáveis por todas as contradições, repressões e segregação criadas em torno a esse culto e, a conseqüente luta diária que o seus grupos de devotos tendem a enfrentar pela sobrevivência da *Santa Muerte*, perante a força repressora de um Estado fragilizado pela violência da crescente da criminalidade, de uma Igreja Católica que não pretende perder sua hegemonia para as religiosidades populares que nascem de um povo que procura esperança em novas divindades, das mídias jornalísticas que possuem uma inclinação natural em se embeber nos aspectos mais sórdidos para redigir matérias que desvirtuam ainda mais esse culto e, por fim, entre seus próprios distintos grupos de devotos, que abrangem extremos de uma sociedade tão mesclada que ainda tenta construir um caminho em comum e que encontra em *La Huesuda*, uma liderança popular sobrenatural, para a concretização desse objetivo. Ainda, para compreender o contexto histórico desses conflitos, será abordado a construção da identidade cultural em torno da morte no México e a íntima relação dessa sociedade com a violência incessante que molda até mesmo os aspectos culturais, assim como, as enigmáticas origens da *Santa Muerte* que remetem a tempos muito mais remotos do que aparenta.

Palavras-chave: *Santa Muerte*, México, marginalização, conflitos, sincretismos.

RESUMEN

La presente investigación pretende analizar los caminos recorridos para la construcción de la marginación del culto a la *Santa Muerte*, que tiene su inicio intensificado desde el primer momento en que este culto se hizo público en 2001, a partir de fuentes y bibliografías seleccionadas en un análisis histórico. -antropológico, donde se identifican tres elementos como los principales responsables de todas las contradicciones, represiones y segregaciones creadas en torno a este culto y la consecuente lucha diaria que suelen enfrentar sus grupos de devotos por la supervivencia de la *Santa Muerte*, frente a la fuerza represiva. de un Estado debilitado por la violencia de la criminalidad creciente, de una Iglesia católica que no pretende perder su hegemonía ante religiosidades populares que nacen de un pueblo que busca esperanza en nuevas divinidades, de medios periodísticos que tienen una natural inclinación a empaparse en los aspectos más sórdidos para escribir artículos que distorsionan aún más este culto y, finalmente, entre sus propios y distintos grupos de devotos, que recorren los extremos de una sociedad tan mestiza que aún intenta construir un camino común y que encuentra en La Huesuda, un liderazgo popular sobrenatural, para lograr este fin. Aún así, para comprender el contexto histórico de estos conflictos, se abordará la construcción de la identidad cultural en torno a la muerte en México y la íntima relación de esta sociedad con la incesante violencia que moldea incluso los aspectos culturales, así como los enigmáticos orígenes del *Santa Muerte*, que remiten a tiempos mucho más remotos de lo que parece.

Palabras claves: *Santa Muerte*, México, marginalización, conflictos, sincretismo.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - <i>Calavera Catrina</i> de José Guadalupe Posada (1913).....	30
IMAGEM 2 - Altar/Capela construída em homenagem ao deus Mictlantecuhtli e a <i>Santa Muerte</i> em Chimalhucán, México.....	34
IMAGEM 3 - Pessoas rezam em frente a um altar de Jesus Malverde no México.....	39
IMAGEM 4 - Devota da <i>Santa Muerte</i> segura a filha em frente ao templo em sua honra em Tepito, Cidade do México (2007).....	41
IMAGEM 5 - Mapa de distribuição dos cartéis no México (2021).....	48

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Datas de publicações de 2009 a 2022.....	61
TABELA 2 - Comparativo do conteúdo das matérias levantadas pela pesquisa de 2009-2022.....	62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A MORTE DÁ AS BOAS-VINDAS	19
2.1 O ESTUDO DAS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS: ENTRE ENLACES, DESENCONTROS E CONSIDERAÇÕES ACERCA DO MÉXICO	19
2.2 NÃO TEMA O CEIFADOR: A MORTE PERSONIFICADA APADRINHA O MÉXICO	26
2.3 O NASCIMENTO DA <i>SANTA MUERTE</i>	36
3 LA REINA DE LOS DESAMPARADOS: OS EMBATES DE UMA FIGURA EMBLEMÁTICA	45
3.1 A GÊNESE DO NARCOTRÁFICO NO MÉXICO	45
3.2 MORTE À MORTE: DOS CONFLITOS COM O ESTADO E A IGREJA CATÓLICA	50
3.3 DAS RELAÇÕES COM A MÍDIA: ALIADA OU INIMIGA?	57
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	66

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, do Ocidente ao Oriente, a morte desperta a curiosidade humana, normalmente, essa curiosidade vem embebida no mais puro e mórbido misticismo. Quem nunca se perguntou para onde vamos depois de morrer? Na verdade, todo o processo do ciclo da vida até seu encerramento com a morte, sempre rondou nossa mente, seja pelo medo do que esperar no além vida, seja pela dor física que esse fim possa nos acarretar. Até mesmo tornou-se a musa inspiradora favorita de diversos artistas: poetas, escritores, músicos, cineastas, pintores, escultores... Todos com suas versões retratadas e descritas a sua maneira, em tentativas de trazê-la à vida. Tudo nela parece soar mais atrativo e intrigante por todos os mistérios que a cercam.

É nesse sentido que, diversas sociedades, por meio de suas crenças religiosas e manifestações culturais, tentaram responder essas perguntas das mais variadas formas: alguns a repeliram, por puro medo, receio ou mesmo interesses maiores que suas sociedades exigiam; outros, porém, a abraçaram, como uma divindade personificada, temida e essencial para o andamento do ciclo das coisas, afinal, sem vida não há morte, e sem morte não há vida, são processos biológicos que se completam e, que também, vão muito além da fisiologia no âmbito racional, abrangendo diversos universos religiosos, muitas vezes, extremamente complexos.

Aqui, podemos citar muitos exemplos de casos, como o dos egípcios da Antiguidade e seus mil e um desafios descritos no *Livro dos Mortos*¹, pelo qual o morto deveria passar até chegar ao julgamento final da alma pelo deus Osíris, e mesmo assim, ainda corria o risco de ter a alma devorada por uma deusa-demônio híbrida entre crocodilo, hipopótamo e leão, caso não tivesse o coração puro o suficiente para equiparar-se ao peso de uma pena. Ou, o caso dos famosos guerreiros vikings, que sonhavam com uma morte gloriosa no campo de batalha para que assim, fossem levados pelas valquírias até os portões do místico salão de Valhalla, um lugar de repouso dos mortos e ao mesmo tempo de treinamento, onde continuariam a lutar, a beber e festejar junto aos deuses aprimorando suas habilidades até o

¹ Este livro é uma mistura de escritos e ilustrações compiladas em papiros, que acompanhavam os corpos das múmias nos sarcófagos ou mesmo com passagens expostas nas paredes de templos, e foi apelidado desta maneira pelos saqueadores de templos séculos mais tarde. Sua função era basicamente de ser um guia para o morto no além túmulo. (EDITORA WISH, 2021. Disponível em: <https://www.editorawish.com.br/blogs/novidades/voce-sabia-que-o-livro-dos-mortos-nao-e-um-livro>. Acesso em: 07/09/2021).

dia do aguardado Ragnarök, quando a batalha final resultará na queda dos deuses e a destruição de tudo. O Fim.

Mendoza (2006) observa ainda que, assim como o nascimento, o desenvolvimento, a maturação, a reprodução, a velhice e a morte, todas essas fases se relacionam no sociocultural, através de tradições e ritos, por exemplo, com o batismo (no caso das culturas cristãs) ou a nomeação e denominação do indivíduo (mesmo que não seja no momento do parto, pode ser antes ou muito depois do nascimento); estados liminais² entre a infância e a vida adulta, como a adolescência; matrimônio, velhice e morte... Enfim, todos esses ‘estados’ variam entre as culturas, porém se fazem sempre presentes, cada qual se manifestando a sua maneira, através desses rituais que permitem o reconhecimento e a adesão dos membros de uma sociedade. (MENDOZA, 2006, p. 27-28).

A morte participa na criação de tradições, costumes e identidades. Se comercializa, administra, legaliza e normatiza, tanto por indivíduos como por coletividades. Tanto é assim, que nos vendem um pedaço de terra para o eterno descanso. (...) Nós rezamos a *Santa Muerte* por um falecimento bom. Nos proibem de morrer quando não é necessário, assim como um bom moribundo: proibido se suicidar na primavera ou não praticar a eutanásia. Tudo isso nos faz crer em uma existência em torno da morte. (MENDOZA, 2006, p. 24).

A morte ainda pode ser vista através de duas perspectivas: uma como óbito e outra como um evento que detém extrema importância para a experiência humana. O óbito do corpo é um fenômeno que ocorre ao fim do ciclo da vida de todos os seres vivos, este é o ponto final da vida, e é por esse ponto de vista que a morte é muitas vezes vista como um mal a ser combatido e coibido, como uma doença que precisa ser curada. Mas, na realidade, a morte é o princípio da mudança e, ao mesmo tempo, aproxima-se da morte para que nos ensine a viver; portanto é o símbolo “da coisa”, fronteira e limiar na experimentação da existência humana. (MENDOZA, 2006, p. 29).

Dessa forma, todas essas questões também permearam em minha mente, onde desde muito cedo, encontraram terreno fértil que, combinadas ao meu antigo interesse pelos estudos culturais voltados às crenças, aos ritos e às religiões ao redor do mundo, ao fenômeno da morte como elemento cultural e aos estudos culturais das antigas civilizações dos Astecas e Maias, acabou me transportando em uma viagem aterradora, através das minhas leituras até o México, onde fui completamente enfeitiçada pelas suas comemorações culturais em torno da morte através do seu particular *Día de los Muertos*, que mescla majestosamente os ritos indígenas milenares com ritos católicos trazido pelos colonizadores

² A liminaridade seria um estado “ambíguo” e “indeterminado” em que os indivíduos escapam às classificações que determinam estados e posições num ambiente cultural. (CICHOWICZ, 2010, p. 133).

espanhóis. Esse momento de desbravamento, para mim, significou tanto quanto, quando uma criança ganha um brinquedo que desejava há tempos.

Nesse sentido, segundo aponta Gíron (2012), os povos da América não viam a morte como um fim, mas como parte do ciclo da vida. Os conceitos indígenas de vida e morte expressados nesses rituais se mesclaram perfeitamente com as tradições do “Dia de Todas as Almas” trazidos pelos espanhóis.

Contextualizando um pouco mais historicamente, do lado espanhol desta junção do *Día de los Muertos*, as origens dessas comemorações católicas aos falecidos, remetem ao século IX, através da promulgação, realizada pelo Papa Gregório IV, do primeiro de novembro como o dia em que todos deveriam se dedicar a rezar aos santos, esse dia ficou nomeado como “O Dia de Todos os Santos”. E, cerca de quatrocentos anos depois, o Abade San Odilo de Cluny viria a nomear o 2 de novembro como o “Dia de Todas as Almas”, esse dia seria de fato dedicado às rezas aos falecidos. Logo, as comemorações dessas duas datas se espalharam por toda a Europa, e posteriormente, trazidas para a América Latina no século XVI, através dos missionários católicos que vinham juntamente aos colonizadores europeus, com a missão de trazer a palavra do Deus cristão ao Novo Mundo. Atualmente, essas datas são comemoradas não somente pelos católicos, mas também por luteranos e anglicanos.

Por outro lado, quanto ao lado indígena desse *duo*, essas comemorações aos mortos se originam de tempos muito mais longínquos. Tudo tem início, no Vale do México, onde os poderosos Astecas (ou Mexicas), honravam seus mortos nos primeiros dias de agosto com celebrações e rituais oferecidos à deusa da morte *Mictecacihuatl*. (GÍRON, 2012, p. 3). Um fato interessante é que as cavernas, para as culturas dos Mixtecas, Zapotecas e Maias, eram vistas como canais para o submundo, e esses lugares passaram a ser usados como uma forma de comunicação entre os vivos e os mortos onde as pessoas deixavam oferendas como comidas, incensos e sangue de peru em meio aos soturnos e estreitos caminhos dos túneis.

Porém, grande parte desses processos ritualísticos foram suprimidos e combatidos pelos colonizadores espanhóis após sua chegada, quando se deu o início da exploração e extermínio das populações locais. Em contrapartida, alguns desses ritos indígenas originais conseguiram sobreviver, coexistir e se mesclar aos costumes trazidos pelos espanhóis, surgindo, assim, os sincretismos que moldaram esse dia até se tornar a celebração do *Día de los Muertos* que conhecemos hoje, que mais contemporaneamente se transformaria em uma das datas mais importantes do calendário mexicano, tanto culturalmente como mesmo comercialmente.

Atualmente, ainda segundo Gíron (2012), a celebração de *Día de los Muertos*, é regada de cores e toma um giro particularmente humorístico: as pessoas encaram a morte fazendo bromas e rindo dela, pintando crânios em cores vivas e alegres e personificando-a com figuras de esqueletos, todos esses elementos descontraídos, se distanciam quase que totalmente do melancólico luto cristão, mostrando todos os contrastes deste dia.

E foi dentro das leituras acerca das origens dessa celebração mexicana do Dia dos Mortos que me deparei com os inúmeros sincretismos culturais que emergem nos coloridos altares decorados, especialmente, para a comemoração deste dia. Algumas figuras religiosas se destacam em meio aos belos tapetes alaranjados naturais das simbólicas *cempasúchil*³, das fotos de entes queridos que se foram e das comidas favoritas dos falecidos... Uma em particular, chama a atenção pela sua presença notória, e cada vez mais corriqueira em muitos desses altares: a *Santa Muerte*, ainda apelidada, afavelmente, de *La Flaca*, *La Niña Bonita*, *La Dama Poderosa*, *Huessuda*, *La Madriña* e tantos outros. E, é ela, justamente, a responsável por ser o ponto de partida para a ideia central da presente pesquisa.

A *Santa Muerte* é adorada em todo o México. Segundo Ruiz (2011), é muito difícil determinar em que momento e lugar surge a devoção a ela, alguns remetem ao século XX, outros voltam ainda mais atrás, por volta do século XVIII, por conseguinte, não se tem um consenso quanto a esse ponto. A antropóloga Katia Perdigon (2008), levando em conta os relatos documentados, considera a necessidade de se fazer um rastreo histórico, uma cronologia, que nos leva a compreender a evolução desse culto, e assim, conseguir entender todo o processo de construção dessa figura e sua devoção.

Desde então, a polêmica Santa vem atravessando fronteiras, chegando aos Estados Unidos, a outros cantos da América Latina e mesmo do mundo. Seu culto é condenado pela Igreja Católica, apesar das tentativas de pedidos de reconhecimento e canonização, sendo taxado de blasfêmia e “adoração ao demônio”, estereótipos estes que são alimentados ainda mais por todo o sensacionalismo vindo da mídia. Mas, isso não impede que sua popularidade continue crescendo rapidamente, em especial, na última década. E, é dentro de todo esse contexto de embates, que diversas questões são levantadas, uma em específico permeia a realização desta pesquisa: entender como se constrói a marginalização dessa figura e, conseqüentemente, dos devotos que a cercam.

³ Palavra de origem *nahuatl*, popularmente conhecido como idioma dos Astecas ou ainda idioma dos mexicanos, que traduzido significa “flor vinte” ou “flor de vinte pétalas”, essa flor também é conhecida no Brasil por cravo de defunto.

Assim, a presente pesquisa vem com o intuito de problematizar a marginalização e a construção negativa dessa devoção por diferentes meios, assim como, trazer à luz e dar voz a esses grupos de devotos que também acabam sendo marginalizados e repelidos, pretendendo-se compreender de onde surge essa resistência e os motivadores desses embates, mostrando-se a importância da realização dessa investigação histórica e antropológica para trazer mais clareza quanto a essa figura que, mesmo indiretamente, tanto influência em diferentes aspectos a sociedade mexicana. Tudo isso, inserido no espaço considerado nessa pesquisa que permeia o século XXI, em especial a última década onde temos o pico dessa devoção e dando exclusividade ao recorte demográfico que abrange a região do México.

Dessa forma, para responder o objetivo geral, pretende-se fazer uma análise de como as mídias de informações juntamente ao Estado e a Igreja Católica ajudam a construir essa marginalização, em contraste à resistência dos devotos da *Santa Muerte* pela sobrevivência e o rompimento dessas amarras negativas impostas a este culto.

Assim, a pesquisa se apoiará em uma investigação interdisciplinar, através de uma revisão bibliográfica e nas fontes selecionadas: matérias/artigos de jornais (seja por meio do audiovisual ou escrito). Quanto à natureza em que se encontram essas pesquisas de apoio bibliográfico e fontes, foram coletadas através de pesquisas realizadas de forma *online*.

Quanto à construção da estruturação da presente pesquisa, pretende-se dividi-la em um primeiro capítulo voltado a pontos mais introdutórias, teóricos e conceituais através de uma revisão bibliográfica, tratando das questões relacionadas aos caminhos da pesquisa das manifestações religiosas e mesmo questões legislativas sobre a laicidade do Estado mexicano, assim como uma contextualização da formação da questão da morte como um elemento de identidade cultural regente da sociedade mexicana. E, um segundo capítulo que irá abordar como se dá a construção da devoção e popularização da *Santa Muerte*, debruçando-se, de fato, nas fontes, com as análises dos conflitos com as mídias de informações, a Igreja Católica e o Estado, trazendo aqui as problemáticas de pesquisa levantadas no decorrer desta introdução, assim como reflexões acerca desses debates que serão levantados.

Sem mais delongas, que mergulhemos em meio aos enigmas que se escondem por trás da foice e do manto da *Señora de las Sombras*.

2 A MORTE DÁ AS BOAS-VINDAS

Algumas questões introdutórias são necessárias em uma abordagem inicial com o objetivo de tornar o mais claro possível o desenrolar da pesquisa através de uma revisão bibliográfica. O capítulo desenvolvido aqui, irá abordar, através de uma divisão em subtítulos: em primeiro item, uma contextualização mais conceitual, trazendo questões de laicidade, dados e caminhos possíveis da pesquisa das manifestações religiosas; em segundo item, um apanhado da construção da morte como identidade cultural no México, e por fim, um terceiro item abordará as trajetórias da história da origem da *Santa Muerte*, e as divergências que surgem dentro dessas origens, trazendo também, como funciona a adoração a ela através dos ritos e simbolismos utilizados em seu culto pelos seu diverso grupo de devotos.

2.1 O ESTUDO DAS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS: ENTRE ENLACES, DESENCONTROS E CONSIDERAÇÕES ACERCA DO MÉXICO

Preliminarmente, para nos debruçarmos a compreender a origem dos conflitos em torno a *Santa Muerte*, é importante entendermos como as manifestações religiosas se encaixam dentro da sociedade no cenário mexicano. Nesse sentido, é preciso trazer alguns levantamentos de conceitos, dados e o que a própria legislação do país tem a dizer sobre as diversidades dentro do âmbito das religiões que são manifestadas entre a referida sociedade.

Mas, primeiramente, comecemos pela pergunta mais básica possível: *o que é religião?* Qual o sentido dessa palavra? Como abordar essa temática num estudo antropológico e histórico? Baseado nos estudos da historiadora Eliane Moura da Silva⁴, podemos ter uma noção básica acerca de variadas respostas sobre essas questões iniciais.

Uma grande parte das pessoas têm alguma definição própria, ou mesmo baseada na visão de terceiros, sobre o que é religião, sua função e o que ela aborda segundo uma perspectiva mais popular e, muitas vezes, naturalmente conivente aos interesses particulares de cada indivíduo. No continente americano, o pensamento religioso cristão ainda impera, dessa forma, quando as pessoas pensam em religião lhes vem à cabeça, ou nomes específicos de divindades e seres sobrenaturais, em sua maioria, de origem cristã (Deus, Jesus Cristo, anjos, demônios, Satanás...), objetos e lugares sagrados (biblia, crucifixos,

⁴ A autora é uma das organizadoras da obra *Religião e Sociedade na América Latina*, resultado do curso de extensão do mesmo nome, onde são abordados conceitos centrais de diferentes tradições religiosas presentes na América Latina. (SILVA, 2010, p. 7).

igrejas, imagens e esculturas de santos, medalhas, fitinhas, hostia e o vinho que representam o corpo e o sangue de Cristo...), ou ainda, outra parte comum que remete a nomes de religiões (cristianismo, budismo, judaísmo, islamismo...). Definições essas, que não estão de todo errado.

Mas saindo do senso comum, o próprio termo “religião”, originou-se da palavra latina *religio*, cujo sentido original indicava um conjunto de regras, observâncias, advertências e interdições, sem fazer referências a divindades, rituais, mitos ou qualquer outro tipo de manifestação que, contemporaneamente, entendemos como religiosas. (SILVA, 2010, p. 11).

O conceito “religião” foi construído histórica e culturalmente no Ocidente adquirindo um sentido ligado à tradição cristã. O vocábulo “religião” - como produto histórico de nossa cultura ocidental e sujeito a alterações ao longo do tempo - não possui um significado original ou absoluto que poderíamos reencontrar. Ao contrário, somos nós, com finalidades científicas, que conferimos sentido ao conceito. Esta conceituação não é arbitrária: deve e pode ser aplicada a conjuntos reais de fenômenos históricos suscetíveis de corresponder ao vocábulo “religião”, extraído da linguagem corrente e introduzido como termo técnico. (SILVA, 2010, p. 11).

Nesse sentido, para que se possa abordar historicamente os mais diversos pensamentos e manifestações religiosas é necessário, segundo aponta Silva (2010), discutir, teoricamente, as formas possíveis de abordagem dentro de uma área de estudos que vem crescendo e construindo seus próprios referenciais. A historiadora ainda acrescenta uma abordagem marcante para o estudo da História das Religiões: a fenomenologia religiosa que, não aborda somente o lado irracional⁵ das religiões, mas ela em toda a sua totalidade, analisando as hierofanias (coisas onde o sagrado se manifesta), sendo, neste ponto, a religião vista como um fenômeno universal e humano. Mas, essa abordagem torna esses estudos limitados no que diz respeito aos vieses histórico-culturais, sendo considerado genérico e atemporal por reduzir o sentido de sagrado a um denominador comum, reduzindo toda a complexidade empírica do objeto e do campo de estudos, sendo bastante controverso como conceito. (SILVA, 2010, p. 12). Também, a fenomenologia religiosa trata o sagrado como um pressuposto provado, e não algo cultural, histórico e subjetivo, tornando a religião um aspecto fundamental da vida social humana.

Ainda, deve-se levar em conta que designações genéricas e mesmo atemporais sobre religião e suas concepções, podem não ser levadas em consideração para serem estudadas

⁵ O lado místico e mais fantasioso das religiões.

em algumas correntes teóricas, por terem como fundamentação inicial a razão histórica⁶, tendo a necessidade de uma definição e contextualização histórico-cultural precisa de determinadas manifestações religiosas que se desejam ser estudadas. Segundo Silva (2010), o historiador deve sempre se atentar ao uso e sentido dos termos que podem vir a gerar crenças, ações, condutas, etc. Até aqui, pode-se perceber os caminhos cheios de contratemplos e contradições que o historiador que se debruça a pesquisar sobre fenômenos religiosos pode vir a se confrontar, mas a partir daqui, uma luz no fim do túnel começa a surgir.

Sérgio da Mata em sua obra *História e Religião*, traz três abordagens muito comuns feitas por aqueles que pesquisam os fenômenos religiosos: o primeiro é uma certeza incondicional afirmadora, que faz referência aos próprios religiosos, estes dificilmente, colocam em discussão e reflexão suas crenças; o segundo uma certeza incondicional negadora relacionado aqueles que acabam repelindo e negando à reflexão tudo que tenha a ver com Deus ou outros deuses e, um terceiro, que traz uma reflexão decorrente da cautela, essa sim, condutora do debate e da reflexão, fazendo com que se levante questionamentos, dúvidas e incertezas acerca desses fenômenos. A História Cultural é uma que se beneficia dessa terceira via trazida por Mata.

Dessa maneira, conforme ainda aponta o estudo de Peters (2015)⁷, um primeiro cuidado que o historiador que se dedica ao estudo desse campo deve ter é atentar-se para que não compreenda religião no sentido único, não se percebendo as diversas outras práticas religiosas presentes, ou as consideradas inferiores daquelas que são tomadas como oficiais. E, é através do viés da História Cultural, ao que diz respeito à religião, que podemos identificar o percurso de construção de certos ritos, figuras e demais fenômenos de origem religiosa em diferentes âmbitos (tempo, lugar...), assim como esses fenômenos são pensados, vividos e mesmo lidos.

É, também, dentro da História Cultural que se começa a questionar como o termo religião é empregado, afastando-o de sua associação inteiramente ligada ao cristianismo, e

⁶ O filósofo espanhol José Ortega y Gasset estabelece a razão histórica como uma forma de conhecimento fundamental para completar as investigações que o levaram a identificar a vida como a realidade fundamental a ser examinada e entendida. (CARVALHO, 2012, p. 71).

⁷ Em seu trabalho intitulado de “*A História das Religiões no contexto da História Cultural*”, o autor traz uma reflexão sobre teorias que se referem a História das Religiões, com enfoque em proposições metodológicas para abordagem das práticas religiosas dando ênfase nas História Cultural das Religiões. (PETERS, 2012, p. 87).

passando a abarcar outras manifestações e práticas religiosas dentro deste termo. Dessa forma, o termo religião perde o seu sentido singular e passa a ter um sentido plural, e é exatamente essa pluralidade muito defendida pelos pesquisadores dos fenômenos religiosos modernos e contemporâneos, afinal, não teria como mergulhar em outros mundos religiosos e, analisá-los em diferentes aspectos que os rondam, através de uma concepção limitadora singular de religião. De acordo com Silva (2013):

A história cultural das práticas religiosas deve, portanto, procurar entender a formação da categoria generalizante “religião” como um código cultural com sentidos variados, investigando mediações, empréstimos, cruzamentos, difusões, hibridações e mestiçagens. Os objetos intelectuais de pesquisa não são, dessa forma, estruturas essencializadas de um espírito humano com conteúdo universal em formas diferenciadas. Ao contrário, são produtos históricos em relações específicas que se comunicam através de processo de generalizações. (SILVA, 2013, apud PETERS, 2015, p. 96).

Um nome de peso que emerge de dentro da História Cultural ao que diz respeito aos estudos dos fenômenos religiosos é o de Roger Chartier. Suas pesquisas, práticas e discursos são frutos de representações que indivíduos ou grupos constroem sobre o mundo em que vivem, pautados, para tanto, naquilo que viveram no passado e no que esperam viver em um futuro próximo ou até mesmo longínquo. (CHARTIER, 2002, apud PETERS, 2015, p. 96). Assim, o historiador que se apoia na História Cultural irá contestar a prática social, e a forma que esses discursos históricos se formam, sem deixar passar em branco todas as misturas, mestiçagens e circularidades que estão presentes.

É necessário ao pesquisador da História Cultural estar atento ainda ao sentido das apropriações dos discursos e das práticas sociais, a fim de que possa compreender as intencionalidades por trás das representações e/ou apropriações visto que, “as representações que almejam ser universais, foram construídas e forjadas por determinados grupos, interesses e em certos momentos históricos, sendo dotadas de parcialidades e ambiguidades. As representações do social não são neutras e se impõem como autoridades, legitimando determinadas concepções.” (CHARTIER, 2002, apud PETERS, 2015, p. 97).

Ainda, como pretende-se traçar uma análise que percorre, em especial, o elemento social dentro das problemáticas levantadas, a antropologia vem como a principal aliada dentro dessa pesquisa interdisciplinar para compreendermos todo o contexto da construção da marginalização desse culto, onde as pesquisas antropológicas são o ‘carro abre alas’ e as principais narradoras das diversas histórias da *Santa Muerte*, e que juntamente com o saber histórico, trazem a luz os esclarecimentos necessários para se encontrar as devidas respostas de tantos embates.

A partir dessas definições, dentro dessa pluralidade religiosa e a interdisciplinaridade metodológica de estudos que o pesquisador irá se atar, a análise delimitada na presente

pesquisa em torno aos conflitos que seguem no encalço da devoção a *Santa Muerte*, insere-se dentro do âmbito das religiões populares e dos corriqueiros sincretismos que surgem.

Na América Latina os sincretismos religiosos são extremamente comuns, combinando elementos muitas vezes de origens cristãs, com elementos religiosos dos indígenas locais. Esses sincretismos são traços nítidos de sobrevivência cultural de crenças e ritos religiosos dos povos originários que, posteriormente, após a chegada dos colonizadores foram marginalizados e mesmo suprimidos, como já apontado anteriormente na introdução. Como aponta Lomnitz (2006), em sua obra *Idea de la Muerte en México*, o autor discorre que, essas formas de religiosidades emergentes podem ser entendidas como 'um sintoma' da chamada Segunda Revolução Secular Mexicana, expondo um vínculo cada vez mais tênue entre nação e Estado e que, desde um ponto de vista sociológico, a novidade dessa devoção é que, nela, A Morte substitui tanto o Estado como a Deus no lugar de soberano. (LOMNITZ, 2006, p. 464).

A devoção a *Santa Muerte* no México, implicou a curiosidade de uma certa gama de pesquisadores ao longo dos últimos anos, em especial da última década, resultando em uma bibliografia um tanto que farta que engloba diferentes aspectos ao qual essa figura se insere, e também inspirou pesquisadores, principalmente, da área da antropologia, a se dedicarem a pesquisas voltadas a questões político-sociais em torno dessa figura. No campo da antropologia, por exemplo, quanto a esse viés podemos citar alguns nomes e seus respectivos trabalhos resultantes que serviram de apoio para a minha própria pesquisa.

Começando por R. Andrew Chestnut, um dos pesquisadores que se dedicam a estudar o fenômeno da *Santa Muerte*, traz em sua sucinta obra *Devoted to Death: Santa Muerte, the Skeleton Saint*⁸, uma análise histórico-cultural da *Flaquita*⁹ e seus devotos; Katía Perdigon em *La Santa Muerte: Protectora de los Hombres*, nos guia em um itinerário devocional da *Santa Muerte* e seu leque de representações, baseando-se em documentos de arquivos históricos que mostram o culto ao esqueleto, assim como, o panorama do México independente e moderno e sua relação íntima com o símbolo da morte.

Todas essas pesquisas têm em comum a pretensão de compreender suas origens, no que sua devoção influência na sociedade e nesses grupos envolvidos, seja positivamente ou

⁸ *Devoto a Morte: Santa Muerte, A Santa Esquelética*. Tradução própria.

⁹ Um dos diversos apelidos da *Santa Muerte* dada por seus devotos. Esses apelidos serão usados frequentemente durante o andar da pesquisa.

negativamente, na política interna e externa do México, em como essa devoção chega a outros países, etc.

O próximo passo é compreender o que a legislação mexicana traz sobre a liberdade religiosa nacional, liberdade essa que é colocada em xeque quando se trata das figuras que também são associadas ao narcotráfico e a criminalidade, ao qual será tratado posteriormente, em especial, essas questões ficam ainda mais polêmicas quando se trata da *Santa Muerte*.

O Estado mexicano pode gabar-se de trazer em sua história uma das mais antigas laicidades de Estado do mundo, nascida das ideias liberais que criaram raízes mais profundas no país depois da vitória sobre os franceses, que haviam invadido o México em 1861 sob a justificativa de cobrar dívidas não pagas.

Porém, atualmente, essa laicidade não se encontra definida de fato na Constituição do país, tratando-se de marco jurídico. Mas, apesar disso, *La Constitución de los Estados Unidos Mexicanos* sustenta a separação do Estado das igrejas. O Artigo 3, que diz respeito a educação, é explicitado que: “*garantizada por el artículo 24 la libertad de creencias, dicha educación será laica y, por lo tanto, se mantendrá por completo ajena a cualquier doctrina religiosa*”¹⁰, e no Artigo 130, que diz respeito aos direitos políticos dos grupos religiosos e seus ministros de culto, que se afirma: “*El principio histórico de la separación del Estado y las iglesias*”¹¹, orienta as normas contidas na mesma.¹² (BLANCARTE, 2001, p. 848).

Como aponta ainda Blancarte (2001), a laicidade do Estado mexicano está estipulada em uma lei secundária, que se apoia nessa separação do Estado-Igreja, chamada de *Ley de Asociaciones Religiosas y Culto Público*¹³. Nela temos a seguinte definição: “*El Estado mexicano es laico. El mismo ejercerá su autoridad sobre toda manifestación religiosa, individual o colectiva, sólo en lo relativo a la observancia de las leyes, conservación del orden y la moral públicos y la tutela de derechos de terceros*”. Quanto ao Estado, “*no podrá establecer ningún tipo de preferencia o privilegio a favor de religión alguna, tampoco a*

¹⁰ “Garantida pelo Artigo 24 a liberdade de crença, diz que a educação será laica e, portanto, se manterá por completo alheia a qualquer doutrina religiosa”. Tradução própria.

¹¹ “O princípio histórico da separação do estado e das igrejas”. Tradução própria.

¹² MÉXICO, *Constitución Política de los Estados Unidos Mexicanos*. México, *Secretaría de Gobernación*, 1997.

¹³ Lei de Associações Religiosas e Culto Público. Tradução Própria.

favor o en contra de ninguna Iglesia ni agrupación religiosa"¹⁴. Nesse sentido, podemos concluir que o Estado não pode interferir no que diz respeito a manifestações religiosas de qualquer grupo ou indivíduo que seja, mas sim, ser imparcial, garantindo as liberdades religiosas individuais.

Ainda, vale destacar, que o Artigo 24 da Constituição em vigor de 1917, garante que todo o homem é livre para professar a crença religiosa que mais o agrade e para praticar as cerimônias, devoções ou atos do culto respectivo, sempre que não constituam um delito ou falta penalizadas pela lei. Seja como for, o Congresso não pode aprovar leis que estabeleçam ou proibam religião alguma.

Mas, ainda assim, como toda a sociedade, sempre há uma religião que detém maior dominância por contar com a maior porcentagem de seguidores dentro da população total local. No caso mexicano, o catolicismo ainda é a religião com o maior número de adeptos. Segundo o último censo realizado pelo INEGI (*Instituto Nacional de Estadística y Geografía*), responsável por oferecer informações estatísticas, geográfica e econômica a nível nacional e por entidade federativa, cerca de 90.224.559 pessoas (população de 5 anos ou mais), no ano de 2020, se declaram católicas no México, enquanto, cerca de 15.118.762 pessoas (população de 5 anos ou mais), no ano de 2020, declaram-se seguidores de religiões distintas a católica e, 9.156.555 pessoas (população de 5 anos ou mais), no ano de 2020, declaram-se não seguidoras de religião alguma, num total de 126.014.024 de população total.

Esses dados são de importância para entendermos, posteriormente na análise das fontes, como se dá essa tentativa de controle e manutenção de poder da Igreja Católica no Estado mexicano, e como ela usa de deter, majoritariamente, a dominância maior de seguidores para repelir os sincretismos que crescem.

Apesar desta ainda ser a religião predominante no México, estudos mostram uma certa descrença da população em se apegar apenas ao catolicismo na sua mais pura essência, passando a ser cada vez mais comum os sincretismos e surgimento de novos santos para suprir com as necessidades da população.

Num mundo esvaziado de crenças em busca de uma modernidade secularizada, onde a hierarquia católica opta por um discurso "com pretensões de lógica e clareza,

¹⁴ MÉXICO. Secretaría de Gobernación. *Ley de Asociaciones Religiosas y Culto Público*. Diario Oficial de la Federación, México, Órgano del Gobierno Constitucional de los Estados Unidos Mexicanos, 1992, p. 38-44.

mas desprovido de fôlego numinoso", surgem novas formas de fé. Os que "querem crer" redesenham suas crenças na intenção de preencher o vazio racionalizado e exclusivo que a religião os oferece. É então quando o devoto a *Santa Muerte* surge, não somente como o cidadão que não encontra nas instituições respostas a suas necessidades práticas, senão como o *homo religiosus* incompleto e que se percebe a si mesmo, em muitos dos casos, excluído pela Igreja Católica, sua igreja de origem. (LARA, 2014, p. 12).

Conforme aponta ainda Lara (2014), esse complemento externo permite às pessoas experimentarem uma religiosidade menos dissociada de sua vida diária e das exigências práticas que ela os presenteia. Assim, o culto à *Santa Muerte* vem como uma alternativa para os que se sentem desamparados pelas crenças tradicionais cristãs, o que não significa que ainda grande parte dos devotos a ela se considere cristã, mas para estes, é como se estivessem a procura de uma nova divindade complementar a suas fés e, dessa forma, a si próprios, em uma sociedade onde a religiosidade é algo tão importante para o "andar da carruagem" de cada indivíduo como essa. É devido à própria história da Igreja Católica e a seu poder institucional que ela carece de uma plasticidade efetiva, capaz de se ajustar a todas e cada uma das diversas formas de ser católico. (LARA, 2014, p. 12).

Dessa forma, como a figura popular que é, o culto a *Santa Muerte* nos mostra diferentes facetas da sociedade mexicana: da resistência que representam os sincretismos religiosos, da violência trazida pelas facções, cartéis e o narcotráfico que bate a porta diariamente da população dos bairros mais periféricos, das minorias desamparadas, das lutas pela manutenção do poder da Igreja Católica e do Estado... Enfim, a *Santa Muerte* se encontra bem no meio desse campo de batalhas que parece nunca chegar a um ponto final, e no fim das contas, de um jeito ou de outro, seja idolatrando *La Dama Poderosa* ou a abominando, ela está sempre presente, personificada, vigiando e punindo para aqueles que crêem ou como um fenômeno fisiológico invisível que acarreta a todos nós.

2.2 NÃO TEMA O CEIFADOR: A MORTE PERSONIFICADA APADRINHA O MÉXICO

Por conseguinte, surge em nossa mente o questionamento de como essa identidade cultural em torno da morte se construiu e se consolidou tão fervorosamente como ocorre no México. A morte toma um lugar tão significativo culturalmente que o próprio *Día de los Muertos* no país, foi convertido em um lugar-comum promovido pela indústria turística nacional e internacional. Alimentado por intelectuais nacionais e internacionais, hoje é declarado patrimônio intangível da humanidade¹⁵. (MALVIDO, 2006, p. 42).

¹⁵ Em 7 de novembro de 2003, a UNESCO incorporou a comemoração do *Día de los Muertos* mexicano como parte da lista de Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade.

Primeiramente, não é nenhuma novidade que a morte ronda o imaginário dos seres humanos, afinal, ela é um fator biológico que não pode ser evitado, chegando até mesmo ao ponto de nos instigar e perturbar profundamente durante a vida com as incertezas do que irá acontecer depois de morrermos, como já foi trazido na introdução desta pesquisa.

O fim da vida preocupa o Homem¹⁶. Como coloca Guerreiro (2014), o ser humano sempre tentou através da religião, formas de explicar e encontrar um sentido na morte:

Seja qual for a sua origem sócio-geográfico-cultural, o homem não suporta a ideia de que, depois de morrer, não exista nada. Assim, como forma de luta contra o nada, socorre-se de mitologia, ritos e outros processos mágicos e pragmáticos para transfigurar e ocultar a mudança na natureza do corpo, evitando confrontar-se com a sua decomposição, destruição irreversível que lhe revela a sua finitude. (GUERREIRO, 2014, p. 170).

Desse modo, diferentemente de muitas sociedades em que a morte é tratada como um tabu, sendo repelida e evitada, no caso do México, o fenômeno da morte chama a atenção como em nenhum outro lugar, principalmente, quando se tornou, de fato, parte da identidade cultural¹⁷ do país. Nos deparamos com a morte representada nos mais diversos aspectos: Nas artes, na literatura, nas canções, no cinema, na religião... Alguns ainda, arriscam dizer que a morte é mais inspiradora aos artistas que a própria vida. Mas, não importa como e nem onde, ela faz parte da vida cotidiana e é um tema que traz consigo um peso cultural e social gigantesco para os mexicanos. Para estes, ela é tratada como uma madrinha.

O antropólogo Lomnitz (2006), coloca a morte como um ‘totem nacional’, baseado nessa denominação trazida, primeiramente, por um poeta surrealista espanhol, Juan Larrea, na década de 1940. Os totens seriam símbolos tutelares, representações do passado em comum de toda uma sociedade. Dessa forma, para Lomnitz, o culto da morte é considerado o elemento mais antigo, fundamental e autêntico da cultura popular mexicana. Nessas terras, ela toma caráter humorístico e íntimo, como uma amiga que facilmente poderíamos convidar para uma conversa de bar.

Essas visões mais descontraídas e identitárias foram reforçadas pela compatibilidade com a sensibilidade da vanguarda artística europeia do período entre guerras. Na década de 1940, a morte, representada como um esqueleto, brincalhão, móvel e frequentemente vestido

¹⁶ Homem com letra maiúscula aqui se refere a qualquer indivíduo de uma espécie animal de mamíferos bípedes, simiiiformes, mas com grande desenvolvimento cerebral; sinônimo para ser humano; espécie humana; a humanidade. (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008. 896 p. ISBN 978-85-7472-959-6).

¹⁷ Identidade cultural é definida pela maneira em que cada indivíduo se reconhece frente ao grupo que pertence.

com roupas mudanas, já havia se tornado símbolo nacional mexicano reconhecido. (LOMNITZ, 2006, p. 19).

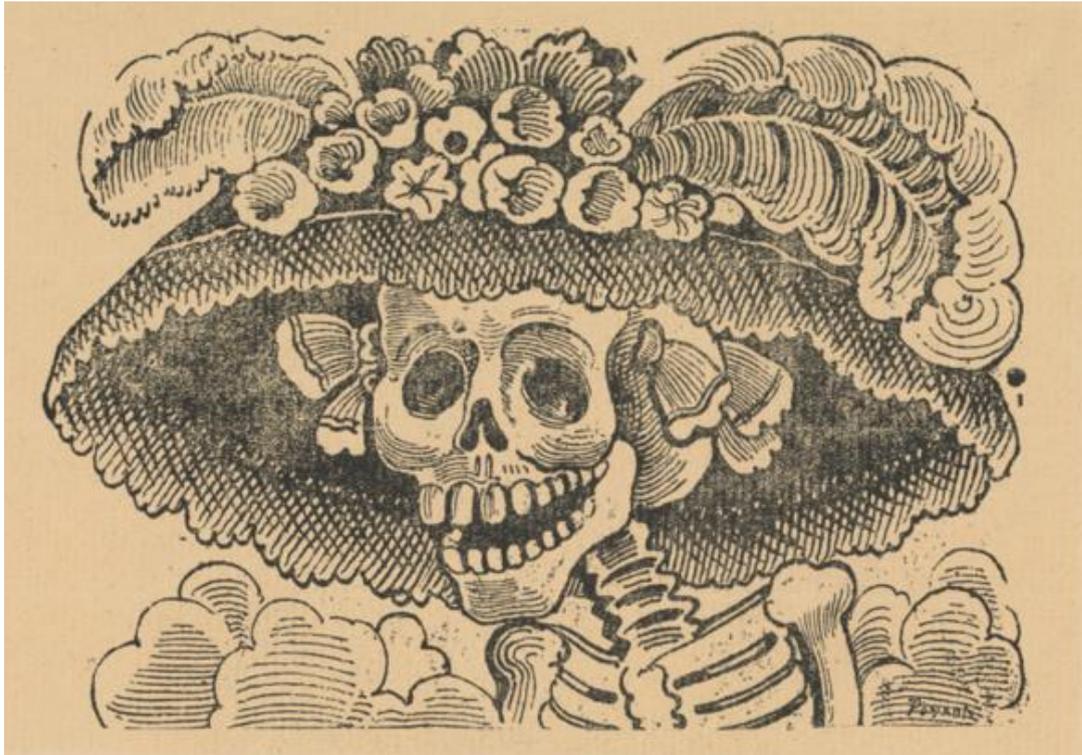
Nesse sentido, um destaque artístico nesta jornada de construção e consolidação da morte como identidade cultural, mencionado por Lomnitz, é o cartunista mexicano José Guadalupe Posada (1852-1913) que reproduzia a imagem da morte nas *calaveras* como nenhum outro artista mexicana havia feito antes.

Posada recorria, em seus desenhos, a um tom humorístico, ao qual a morte era trazida através de figuras de esqueletos *hermosamente* trajados, para ele, a vida não deveria ser levada tão a sério. Ainda, Posada tinha ideias claras e progressistas que manifestava ao desenhar caricaturas satíricas da morte e, na ironia do morrer, encontrou a maneira de desenvolver a crônica da vida mexicana de sofrimento do povo. (VILLASENOR; CONCONE, 2012, p. 42).

Entre suas diversas representações, a que mais chama atenção é a figura da Catrina¹⁸ que se tornou um símbolo na identidade nacional, sendo a mais conhecida e amplamente reproduzida nas mais diversas ocasiões.

Imagem 1 - *Calavera Catrina* de José Guadalupe Posada (1913).

¹⁸ Vale constar aqui também que por muitas vezes a *Santa Muerte* é confundida com a Catrina, porém, mesmo sendo representações da morte personificada, suas finalidades são bem diferentes, resultando em duas representações distintas.



Fonte: *Calavera Garbancera*. José Guadalupe Posada, 1913.

Mas, essa figura de um esqueleto feminino representada na Catrina embebido de sarcasmo retratado por Posada, tem uma forte crítica sociopolítica a passar. Ela remete a classe mais abastada dos ricos que entre o século XIX e XX, durante a ditadura de Porfirio Díaz, dominava o cenário mexicano. Basicamente, a Catrina é trazida como um aviso: Independente de sua classe social, sexo ou credo, a morte vem para todos, ela não discrimina ninguém, e no fim, viramos todos *calaveras*¹⁹. É aquele famosíssimo ditado popular, tão usado na contemporaneidade (seja para o bem ou para o mal): “Por dentro somos todos iguais”.

Para Mendoza (2006), porém, toda a romantização em torno da morte faz com que aqueles que não vivem essa cultura e a observam de fora, pensem que os mexicanos não sofrem a morte quando ela chega, que eles a desejam ou, ainda, que chegam ao limite da necrofilia²⁰. A verdade é que, os mexicanos temem a morte como qualquer outro povo. Mas, por que concordam tanto com ela? O que acontece é que, como já dito, cada cultura aborda a

¹⁹ Caveiras. Tradução própria.

²⁰ Mendoza traz a necrofilia, nesse contexto, a partir do significado etimológico da palavra: *necros* (mortos) + *filia* (amor), literalmente, ‘amor aos mortos’ ou ainda, num contexto de: ‘afinidade com os mortos’.

morte de uma maneira e a abordagem dos mexicanos, segundo o próprio Mendoza (2006): é pela insolência.

Assim, quando abordamos identidade cultural dentro do contexto mexicano, deve-se levar em conta que, o país é composto por uma gama de diferentes etnias, por consequência, é uma sociedade pluricultural e pluriétnica tornando-a bastante complexa nos diversos aspectos que a compõe. A categoria do mexicano, pode ser entendida, a um primeiro momento, segundo a ideia do sociólogo Stuart Hall, de identidade cultural relacionada à nação, na qual o sentimento de pertencimento e reconhecimento está ligado ao Estado. (apud ALVES, 2015, p. 83). Que neste caso, é construído em cima desses contrastes.

Essa diversidade étnica é comum nos países latino-americanos que passaram por processos políticos, sociais e culturais, muitas vezes traumáticos com feridas que se encontram ainda em processo de cicatrização, em especial, causados pelo colonialismo violento e agressivo dos conquistadores europeus que ajudaram a moldar e (re)definir essas mestiçagens locais, da mesma maneira, construíram certos estigmas e desigualdades de um lado, e resistentes sincretismos religiosos e costumes de outro que resultaram em toda a variedade que temos no presente.

Por isso também, não há como abordarmos essa cultura como uniforme sendo essa sociedade tão heterogênea, mas sim, deve-se compreender como e onde essas culturas se unem e onde elas passam por processos de transformação. Aqui, remetemos ao que foi dito anteriormente da importância que a História Cultural traz quanto à defesa da pluralidade da pesquisa voltada às manifestações religiosas, onde o olhar do pesquisador deve ser bastante atento para não deixar detalhes importantes para a compreensão de toda uma investigação passar despercebido.

Nesse sentido, vale destacar a contribuição do poeta Octavio Paz em *O Labirinto da Solidão (1950)* acerca da importância sociocultural desses contrastes ao mencionar os fantasmas que assombram os mexicanos: o da conquista, o da independência, o das guerras, o da revolução... Tudo isso os fazem sentir como se tivessem sido abandonados por seus deuses e terem dificuldades para serem eles mesmos, causando conflitos de identidade: Quem somos? De onde surgimos? Para onde iremos? A construção da religiosidade mexicana reflete muito bem as contradições e conflitos de identidade de seu povo.

Assim, a religiosidade mexicana contemporânea da forma que conhecemos na atualidade, nasce das junções entre as crenças das antigas civilizações indígenas locais com

as tradições trazidas pelos espanhóis na colonização. Os sincretismos que surgiram dessas junções são uma das maiores representações da identidade mexicana por serem um exemplo nítido da miscigenação resultante, representando as resistências de ambos os lados. Como coloca Alves (2015), só é possível encontrar a importância da morte para os mexicanos a partir do momento em que se observa esta relação de partes distintas, a partir da ideia de mosaico cultural.

Conseqüentemente, a morte se encontra ainda mais íntima e familiar nas esferas mais populares do México, onde temos a construção do país como algo imposto de cima para baixo e, percebemos que a morte torna-se a última esperança daqueles que viveram o nascimento da nação mexicana, mas que se encontram fora das esferas de poder. (ALVES, 2015, p. 85).

Foram essas camadas populares que, em meio às dezenas de conflitos que o México sucumbiu ao longo de sua história recente²¹, e ainda passando por constantes mudanças políticas, a situação não diferiu muito para essa parte da população, mesmo após a independência, os latifundiários através de uma sociedade feudal, ainda detinham a população submissa por meio da violenta repressão, mesmo posteriormente com a Revolução Mexicana de 1910, que trazia consigo as tentativas de reforma agrária, os caminhos para uma mudança real nas estruturas sociais prosseguia em um limbo de desesperança.

Alves (2015) ainda coloca que, ao longo da história do século XX, a resistência da população se manifestou em movimentos políticos e sociais, sobrevivendo, hoje, na cultura e na religião do país. É nesse ponto também, onde o povo se sente desamparado pela religião dominante, que acabam por criar figuras sincretizadas que refletem a si mesmos.

Na religiosidade popular mexicana, a percepção sagrado-profana da morte é um traço fundamentalmente importante para o mundo dos mexicanos e modula de forma significativa seu caráter, fenômeno proveniente do pensamento Asteca. Assim, é imprescindível compreender as visões ancestrais pré-hispânicas sobre a criação do universo e a posição do homem nele. (ALVES, 2015, p. 85).

Em vista disso, retornamos um pouco no tempo quando o México era dominado pelas chamadas civilizações pré-colombianas ou mesoamericanas, com os povos *nahuas*²², para

²¹ Séculos XX e XXI.

²² Comunidade linguística composta por vários grupos que falam a língua mexicana em comum. *Nahua* significa “falar com clareza”.

ser mais exata, quando o onipotente Império Asteca estendia sua soberania sobre uma grande parte do atual México.

Os Astecas fundamentaram seus credos, e sua sociedade como um todo, na dualidade vida-morte. Essa dualidade por sua vez, surgiu, de certa forma, por uma necessidade resultante de essa civilização ter sido regida e intimamente ligada pelos ciclos da natureza que nessa região era dividida por uma temporada de chuvas e outra de secas, cujo a agricultura fundamental para o andar da sociedade era dependente. Os calendários religiosos também se enquadram dentro dessa dualidade, como coloca Malvido (2006), tudo isso é resultado de uma sociedade agrícola, coletora e caçadora onde o clima, a geografia e os astros impulsionaram suas atividades, crenças e limitações.

Nesse sentido, essa civilização ficou famosa na história pelos seus rituais sanguinários, os sacrifícios corriqueiros e pela crueldade de seus guerreiros ferozes, principalmente depois da chegada dos espanhóis que vinham de uma cultura distinta, e que descreviam relatos horrorizados e consternados sobre tudo o que presenciaram, mesmo os próprios europeus se aproximando muito no quesito do uso da violência como ferramenta da manutenção de seu poder.

A morte se tornou natural para os Astecas, levando em conta que o equilíbrio do próprio universo dependia dos sacrifícios aos deuses que tinham sede do que chamavam de "água preciosa": o sangue humano. As próprias guerras promovidas pelos Astecas eram, em sua maioria, de caráter religioso, as chamadas de "Guerras Sagradas", com o intuito de capturar os guerreiros adversários ou subjugar o povo oponente para obrigá-los a ceder pessoas para imolá-las em honra aos deuses. (BAHIA, 2007, p. 6).

Assim, segundo as crenças dos antigos Astecas, a maioria dos mortos vão para o *Mictlan*, o submundo, que também foi onde o deus *Quetzalcoatl*²³ criou os primeiros seres humanos com os ossos ali confiscados. Nesse ponto, fica bem perceptível a dualidade vida-morte mencionada anteriormente, quando o próprio inframundo se torna o lugar onde é dada a vida aos primeiros seres humanos pelos deuses e, ao mesmo tempo, seu destino final com a morte.

Porém, ainda dependendo do tipo de morte, o indivíduo tinha outras possibilidades de destino, como por exemplo, as almas dos guerreiros que morriam em batalha e dos

²³ "A Serpente Emplumada", era o deus da criação para os Astecas, enquanto para os Maias, era chamado de *Kulkukán*.

sacrificados acompanhariam o Sol²⁴ durante o seu nascer, enquanto as mulheres que morriam no parto acompanhariam o Sol no seu poente.

Os Astecas nutriam um sentimento especial diante do fenômeno natural que é a morte e encaravam-na como um espelho que refletia a forma como viviam e seus arrependimentos, acreditando que a morte iluminava a vida. (SOUSA; SILVA; FONTENELE, 2006, p. 5). Um detalhe importante é que o *Mictlan* não se assemelha ao inferno ou ainda ao purgatório cristão, não é um lugar para onde as almas vão como forma de punição, mas é onde repousam-se os ossos dos falecidos. Os ossos tinham extrema importância para este povo, podemos, assim, perceber a origem das figuras tão presentes na cultura mexicana atual das caveiras e dos esqueletos, que desde o início eram associadas aos mortos, as próprias imagens do casal de deuses regentes do submundo, *Mictlantecuhтли* e *Mictlancihuatl*, eram representadas por esqueletos ou somente a parte do crânio, características Mexicas essas que também são incorporadas às imagens da *Santa Muerte*.

Na imagem abaixo, pode-se contemplar um caso raro no país que foi retratado recentemente onde, em Chimalhuacán, Estado do México, no bairro de Alfareros, no ano de 2020, foi construído um altar em homenagem a *Mictlantecuhтли* juntamente à *Santa Muerte*. É uma dos poucos altares destinados a adorar um deus Mexica que se tem registros.

Imagem 2 - Altar/Capela construída em homenagem ao deus *Mictlantecuhтли* e a *Santa Muerte* em Chimalhuacán, México.

²⁴ O Sol era a representação, ou ainda o símbolo, do deus da criação *Quetzalcoatl*. Na morte, o maior desejo dos Astecas, em especial, dos guerreiros, era terem suas almas enviadas para o Sol, onde viveriam ao lado do deus.



Fonte: Nedy Torres, 2020.

Conforme a matéria *online* do jornal mexicano *El Sol de Toluca*, ao questionar o indivíduo que construiu o santuário, José Carlos Gonzales Hernández, originário do município, se diz devoto tanto ao deus do inframundo quanto à *Santa Muerte*, por isso construiu o altar, assim como também com o intuito de preservar as raízes da cultura mexicana pré-hispanica. Ele ainda lembra que desde que fotos do altar foram postadas nas redes sociais pessoas de Pachuca, Puebla, Tepito, Tacubaya, Nezahualcóyotl e outros diversos lugares do México vieram até o bairro de Alfareros prestar suas homenagens. O altar²⁵ consiste em quatro imagens da *Santa Muerte* e uma de *Mictlantecuhtli*, que se apresenta como um guerreiro, numa clara alusão de protetor de seu povo mexicano.

Como aponta o antropólogo Chesnut (2018), em matéria do site de sua iniciativa, *skeleton saint.com* e escrita pelo mesmo, nos últimos cinco anos ou mais, uma das principais

²⁵ Também pode-se observar a figura de um cachorro desprovido de pelos, no canto esquerdo da imagem, representando a raça *Xoloitzcuintli*, primeira raça de cães da América com cerca de 3.500 anos. Segundo as histórias, teria sido criado pelo deus *Xólotl*, com a função de guiar a alma dos mortos no submundo, sendo considerado um animal sagrado. Logo, ele também se relaciona com todos os simbolismos da morte trazidos no altar.

novas tendências na devoção a *Santa Muerte*, especialmente entre mexicanos e mexicanos-americanos, é ver *La Dama Poderosa*²⁶ como uma manifestação mais recente da deusa *Mictecacihuatl*:

Exaltação do passado Asteca e Maia acoplado com a rejeição do colonialismo Espanhol é um aspecto saliente do nacionalismo contemporâneo mexicano, onde a *Santa Muerte* é mais atrativa como Mictecacihuatl que a *La Parca*²⁷, o *Grim Reaper* espanhol, sem considerar as evidências históricas ou falta dela de qualquer conexão com a deusa da morte Asteca. (SKELETON SAINT, CHESTNUT, 2018).

Tudo isso nos remete a uma aproximação cada vez maior, incentivada pela própria *Santa Muerte* e suas associações com os deuses das antigas crenças dos povos originários dos mexicanos em voltar a adorar esses deuses, ainda que em uma menor escala, mas que talvez, sejam sinais de um possível futuro em que os antigos deuses se façam cada vez mais corriqueiros nos altares da população, não sincretizados em novas figuras, mas sim, em suas imagens originais primordiais.

Em contrapartida, a partir da colonização, as datas comemorativas aos finados da Igreja Católica se mesclaram com as dos indígenas locais, aos moldes da vontade da igreja, tanto que ficou denominado o dia 1 de novembro como o Dia de Todos os Santos e o dia 2 de novembro como o Dia dos Fiéis Defuntos, que são celebrações católicas. Essas celebrações permanecem em constante modificações no século XXI, surgindo mesmo novas figuras caricatas como é o caso da *Santa Muerte*.

Atualmente, os elementos do *Halloween* dos Estados Unidos, constituído por elementos europeus, principalmente, trazidos do Reino Unido, também vêm se tornando cada vez mais presentes dentro dos ritos aos mortos no México atualmente, em especial na própria data do Dia dos Mortos por esse intercâmbio cultural corriqueiro entre os dois países o que, de certa forma, causa preocupações em alguns estudiosos, por medo de apagamento e/ou substituição dos costumes locais.

Como aponta Malvido (2006), a medida que essas comunidades predominantemente indígenas começam a abranger uma porcentagem importante de emigrantes, ao regressar a seus locais de origem levam consigo esses elementos, tanto de um lado como de outro. Isso também é intensificado com a grande comercialização presente nesses dias de comemoração, que incentiva a parte mais festiva e a ostentação desviando dos propósitos originais.

²⁶ Uma dos vários apelidos da *Santa Muerte*.

²⁷ O Ceifeiro/Ceifador.

Mas não é todo o México que passa por isso, acontece com mais frequência na capital onde essas questões se mostram mais visíveis que nos demais lugares em que a aculturação, felizmente predomina, adaptando todos os velhos e novos elementos que continuam a chegar em mútua harmonia, afinal, a cultura mexicana como vimos até aqui, é formada através destes sincretismos e pluralismos, logo, os elementos de outras culturas distintas semelhantes podem ser incorporados tranquilamente, quando, principalmente, não tão associado ao comércio, preservando sempre os reais significados de preservação dessas comemorações.

Dessa forma, podemos perceber o quanto, ainda hoje, os elementos culturais de outras sociedades trazidas pela globalização, tão presente e facilitada em nossa sociedade atual, continua e sempre continuará fazendo com que novos sincretismos surjam e que novos elementos sejam aderidos aos que já existem. Afinal, a aculturação é essencial nos tempos atuais até mesmo para evitar possíveis intolerâncias e conflitos.

Com toda essa contextualização feita até aqui, podemos entender o porquê de o culto a *Santa Muerte* criar raízes tão fortes no México e crescer tão rapidamente através de toda essa identidade cultural em torno do fenômeno da morte e da forte religiosidade miscigenada tão presente e essencial para essa sociedade.

É, através da figura da *Santa Muerte* que os mexicanos e mexicanas encontram sua madrinha, que em contrapartida a outros santos de origem cem por cento católica, não apenas faz a função de redentora, mas da vingadora, a que abraça a todos, a que complementa a suas fés e ainda, dá a liberdade para que seus afilhados e afilhadas possam lhe segredar as mais belas e as mais terríveis memórias, sem julgamentos ou condenações.

2.3 O NASCIMENTO DA *SANTA MUERTE*

Como foi levantado anteriormente, no México pode-se observar uma grande devoção em torno da morte, que se desenvolve de uma maneira única atraindo a atenção, em especial, dos olhares exteriores atraídos pela beleza do lúgubre atípico. O ceifador, basicamente, se tornou um pilar da sociedade mexicana através, principalmente, de sua cultura, sobrevivendo ao tempo, moldando-se entre costumes indígenas locais e dos colonizadores europeus até se transformar nas diversas manifestações culturais que vemos hoje presentes no dia a dia e que, vale ressaltar, continuam em constante hibridização²⁸.

²⁸ Como Caroline Perré menciona em seu ensaio *La iconografía de la Santa Muerte: antropología de una imagen abierta*, que o conceito de hibridização trazido por Nestor Canclini que o define como:

Malvido (2006) aponta que, todos os povos do mundo ofereceram alimentos a seus mortos, a seus antepassados gloriosos e aos deuses protetores da morte, não sendo isso uma novidade. Sejam as culturas antigas ou atuais, os ritos podem variar segundo o tempo e o espaço de onde se realiza, mas se continua a fazê-los. E, através do aspecto religioso, pode-se observar de uma maneira mais íntima essa relação entre os vivos e os mortos, e é onde emerge a *Santa Muerte*. Mas, como essa Santa nasceu?

Nos últimos dez anos, temos assistido a um, cada vez maior, protagonismo e visibilidade nas cidades, campos e cemitérios da América Latina de diversas figuras que condensam e encarnam, de forma variada, a morte como agente com poderes para intervir na realidade cotidiana dos vivos. (MARTOS, 2014, p. 117). A *Santa Muerte* talvez seja a mais curiosa e peculiar dessas formas consolidadas. Como observa o antropólogo R. Andrew Chesnut (2016), que se dedica aos estudos dessa figura, o crescimento do culto a *Santa Muerte* é um dos fenômenos religiosos mais significativos de nosso tempo.

É junto à crescente popularidade desse culto que também vem crescendo, lado a lado, o interesse dos pesquisadores em se dedicar a investigar essa figura, os antropólogos, em especial, vem tendo uma maior inclinação a se dedicarem aos estudos dos cultos religiosos, por todos os simbolismos e relações cotidianas sociais que vêm emergindo cada vez mais publicamente.

Como destaca Ballarin (2008), ao menos desde os anos 2000, apareceram artigos em meios de comunicação massivos como *La Jornada y La Crónica*, *Massiosare*, *National Geographic en español* e a página web da BBC²⁹. Também livros publicados com diferentes enfoques e sobre diversos aspectos do culto, novelas, filmes, séries de tv, músicas, bandas e documentários em que aparece ou é retratada de alguma forma, até mesmo tem-se incorporado sua imagem em produtos para a venda como camisetas, sapatos e tênis, sendo este, um comércio que vem se tornando bastante lucrativo.

Outro fator que contribuiu também para o estímulo do crescimento desse interesse, se deu após a publicação do livro *Idea de la muerte en México* de Claudio W. Lomnitz, no ano

“Processos socioculturais nos quais as estruturas e práticas discretas, que existiam separadamente, se agregam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2009 p. 5), dá bem conta da definição do culto atual da *Santa Muerte*.

²⁹ Hoje, alguns anos após a publicação da pesquisa de Ballarin no ano de 2008, os artigos sobre a *Santa Muerte* dominaram a *internet*, entre blogs pessoais, redes sociais e outros jornais que exibem suas matérias de forma *online*, redigidos nas mais variadas línguas.

de 2005, onde o próprio autor destaca³⁰ que se foi escrito bastante sobre o tema da *Santa Muerte* desde que ele publicou a obra, assim como o próprio culto que cresceu e se transformou consideravelmente desde então.

Recapitulando rapidamente do princípio, o cenário latino-americano foi fortemente marcado por precarização e marginalização resultantes da incessante violência e pobreza que nos acompanha desde a colonização, com isso, era inevitável que os mais diferentes aspectos da sociedade também viessem a sofrer com transformações constantes em meio a tantos contrastes sociais, econômicos e culturais, nem mesmo o catolicismo, tão consolidado e enraizado nas terras do chamado “novo mundo”, conseguiu sair ileso, por mais que insistisse nesse objetivo, sofrendo rápidas mudanças em meio a um ciclo de câmbios entre tantos credos e religiões emergentes e reemergentes tão presentes e necessários em uma clara necessidade de sobrevivência cultural.

Assim, nesses cenários de conflitos de fés e sabendo da importância que a religião tem para o ser humano quando este não consegue explicar de forma racional certos fenômenos e situações cotidianas, como já foi trazido, a religiosidade popular ganha força através, principalmente, de seus santos populares, expressão essa com grande significação no contexto mexicano, onde a *Santa Muerte* surge nesse cenário do país como figura religiosa de destaque entre tantas outras.

Mas, primeiramente, é importante introduzir o que seriam os santos populares mencionados anteriormente, estes que nascem de uma das principais tradições do cristianismo que é a devoção aos santos.

Em resumo, santidade é um termo aplicado pelas sagradas escrituras para designar a qualidade do que é essencialmente divino, sendo utilizado para designar o que está próximo de Deus, ou que lhe é consagrado. (JURKEVICS, 2004, p. 107). Santos também são dotados de pureza, virtudes, piedade e muitas vezes inocência, sendo incubidos a passar por sacrifícios heróicos (martires) em vida para que após a morte enfrentem toda uma burocracia da Igreja Católica para serem reconhecidos oficialmente como santos. Essa definição dos santos oficiais também podem se encaixar nos santos populares, nesse segundo caso, pode haver algumas mudanças mais particulares que fogem a essa curva de histórias de origem

³⁰ Em seu artigo mais recente publicado em 2018 que aborda sobre a expansão recente do culto a *Santa Muerte*, intitulado de “*La Santa Muerte: estigma e intercâmbio*”.

imersas em puridade, especialmente, quando são associados também a proteção de traficantes, criminosos, etc.

O antropólogo José Mendoza (2006) aborda a definição da diferença entre religião institucional e religião popular, enquanto o catolicismo institui, promove e legisla uma série de saberes e crenças, o povo, o gentio, adota, quando não adapta, seus preceitos ao seu próprio modo de entender. Dessa forma, o sincretismo religioso ocorrido na América indígena é o sinal claro de uma religião popular. (MENDOZA, 2006, p. 33).

Na América Latina, os santos populares são extremamente corriqueiros e possuem grande importância para seus devotos, sendo o México o país do continente que mais possui santos. Podemos citar de exemplos bastante famosos, além da *Santa Muerte*: Jesus Malverde, San La Muerte (que seria um equivalente da *Santa Muerte* na Argentina), Nino Fidencio, Gauchito Gil, Rey Pascual, La Difunta Correa, entre tantos outros que surgiram e vêm surgindo em todos os cantos da extensão latina das Américas, se diferenciando dos santos canonizados pela Igreja Católica, por serem espíritos de mortos que são considerados santos pelos seus poderes milagrosos (CHESNUT, 2011, p. 197), não sendo considerados santos oficiais, por não serem reconhecidos pela igreja, mas isso não interfere nos numerosos devotos que seguem aumentando.

Chesnut (2011) ainda aponta que, a grande maioria dos santos populares, diferente dos oficiais, nasceu e morreu em solo latino-americano, ligando-se a seus devotos pela nacionalidade e frequentemente pela localidade e classe social. Assim, tornando-se seus iguais.

Imagem 3 - Pessoas rezam em frente a um altar de Jesus Malverde no México.



Fonte: Roberto Armenta/picture alliance via *Getty Images*. Acesso em: 2021.

A *Santa Muerte*, apesar dos múltiplos estudos e interpretações sobre a procedência desta veneração, articula-se de maneira diferenciada em cada contexto de onde se tem registro de sua presença, sendo assim, não é possível identificar uma só origem, senão várias, segundo temporalidades e regiões. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 22)³¹. Dessa forma, a *Santa Muerte* se tornou um desafio para antropólogos, sociólogos, historiadores e tantos outros pesquisadores que foram atraídos e enlaçados pela *La Huesuda*³², em meio a todos os enigmas e contradições em volta a sua origem.

Ainda, a *Santa Muerte* aparece materializada em diferentes formas entre seus devotos: em gesso, plástico, resina e mesmo feita de ossos sobre os altares, em medalhões de ouro ou prata carregados no peito como escudos, em velas das mais variadas cores (cada qual com sua finalidade), imagens impressas carregadas nos bolsos, marcada em tatuagens no corpo, enfim, não importa a forma, ela sempre está representada como um esqueleto coberto sob uma mortalha ou vestido, e corriqueiramente a Santa carrega na mão esquerda um globo terrestre representando a fragilidade do mundo, na mão direita a balança em uma clara alusão a justiça, e uma ceifa tal qual as representações tradicionais do Ceifador, porém, a *Santa Muerte* é vista como uma figura feminina, sendo referida no substantivo feminino: *La*

³¹ Trecho retirado da introdução da obra: *La Santa Muerte. Espacios, cultos y devociones*, México, El Colegio de la Frontera Norte/El Colegio de San Luis, 2016. Organizado por Alberto Hernandez Hernandez.

³² Ossuda. Tradução própria.

Muerte. Segundo Chesnut (2011), apesar de sua forma esquelética não aparentar nenhuma feminilidade, são seus trajes e, em menor medida, seu cabelo, que a definem como mulher.

Os devotos e fabricantes de imagens produzidas em massa da *Ossuda* comumente a vestem como freira, Virgem, noiva ou rainha. Túnicas medievais vermelhas e pretas, véus de noiva brancos e túnicas de cetim coloridas normalmente cobrem seu corpo esquelético, deixando à vista somente suas mãos, pés e faces ossudas. (CHESTNUT, 2011, p. 198).

Imagem 4 - Devota da *Santa Muerte* segura a filha em frente ao santuário em honra a Santa no bairro de Tepito, Cidade do México (2007).



Fonte: LUIS ACOSTA/AFP via *Getty Images*, 2007.

Quanto às origens de seu culto, variam das mais diversas raízes e também é bastante contraditório entre os próprios pesquisadores, que se divergem quanto a entrar em consenso em uma origem em comum dessa figura.

Mas, normalmente, os estudiosos se dividem em dois grandes grupos: aqueles que afirmam que a sua imagem personificada remete tanto ao *Grim Reaper* europeu ocidental medieval do catolicismo e as suas representações da morte durante o fim do século XIV e início do século XV que ganharam força com o avanço das pandemias de peste; e aqueles que afirmam que a Santa é baseada nas imagens indígenas Asteca e Maia dos deuses dos mortos e submundo associados intimamente aos ossos e esqueletos, nesse aspecto, evocando a deusa *Mictecacihuatl*.

Segundo Chesnut (2011), nesta versão da história, a deusa teria ressurgido publicamente no santuário de Doña Queta, no bairro periférico de Tepito, Cidade do México, em 2001. Sua túnica e vestido em estilo espanhol e seus acessórios europeus, a foice e a balança de justiça seriam uma fachada para esconder sua verdadeira identidade.

Por outro lado, conforme a antropóloga mexicana Katia Perdigón³³ afirma que, a inspiração para a criação do culto a *Santa Muerte* está muito mais próximo das práticas e doutrinas católicas, como das práticas da igreja em torno da *Buena Muerte*³⁴ do que das pré-colombianas, por conta dos seus simbolismos que remeteriam mais às tradições ocidentais, como a foice que é o principal símbolo do titã Cronos, que a utilizava para cortar o tempo, segundo as histórias; e o globo terrestre, como uma simbologia da morte sobre o mundo, que era bastante tradicional na Idade Média. Mas, de qualquer forma, hoje, sua imagem traz diferentes elementos das mais diferentes culturas, que são incorporados à sua imagem e altares segundo os desejos de cada devoto.

Ainda, segundo alguns de seus crentes, a *Santa Muerte* teria aparecido em Hidalgo em 1965, outros creem que foi trazida ao México pelo culto *santero* cubano onde alguns de seus praticantes da Cidade do México hoje a identificam com Oyá, orixá feminina guardiã dos cemitérios, associada ainda aos fenômenos da natureza, aos temporais e as ventanias. Outros, ainda dizem que se apresentou ante um bruxo xamã de Córdoba, Veracruz, para pedir que propague seu culto a fim de ajudar a humanidade. (PERDIGÓN, 2008, p. 73).

Segundo Chesnut (2011), referências específicas à *Santa Muerte* apareceram primeiramente nos registros coloniais espanhóis por volta de 1790:

Um documento de 1797 dos arquivos da Inquisição, intitulado “Sobre as superstições de vários indígenas da cidade de San Luis de La Paz”, menciona a *Santa Muerte* pela primeira vez. Focalizando no povo Chichimeca, situado no atual Estado de Guanajuato, o registro da igreja fala de trinta indígenas que “à noite se reúnem em sua capela para beber peiote até perderem o sentido, eles acendem velas de ponta cabeça, algumas delas são pretas, eles dançam com bonecas de papel, eles chicoteiam cruzeiros sagrados e também uma figura da morte que eles chamam de *Santa Muerte*, e eles amarram-na com uma corda molhada ameaçando chicoteá-la e queimá-la se não operar um milagre”. (CHESNUT, 2011, p. 201).

Mas é certo que, o crescimento gigantesco de sua popularidade se deu a partir dos tempos modernos no ano de 2001, depois de seu culto sair da clandestinidade e se tornar

³³ Perdigón traz essas origens medievais europeias da *Santa Muerte* em sua obra: *La Santa Muerte, protectora de los hombres*, publicado em 2008.

³⁴ A Boa Morte, referente no catolicismo, se apresenta como aquela em que o defunto enfrenta com serenidade o momento de sua agonia, porque sabe que em sua vida terrena se esforçou para preparar sua alma para esse momento, sendo um bom cristão. (UGARTE, 2009, p. 112).

público, pois até então, estava sucumbido a um culto doméstico mais discreto onde permaneceu por anos por conta das perseguições da Igreja Católica que a condenava (e ainda condena) esse culto, o chamando de blasfêmia e adoração ao diabo por suas associações ao narcotráfico. Hoje, se estima que mais de doze milhões de mexicanos cultuam a *Flaquita*, e esse número só vem aumentando.

Desde que saiu a luz do mundo, a *Santa Muerte* vem cruzando fronteiras junto aos imigrantes mexicanos que levam sua *Niña Bonita* sempre consigo. Cidades de fronteira como El Paso, Brownsville e Laredo possuem um forte culto a ela. Grandes cidades dos Estados Unidos como Los Angeles, Houston, Phoenix e Nova York que abrangem grandes comunidades de imigrantes mexicanos também observam grande adoração a ela, sendo Los Angeles considerada a “Meca americana” do culto da santa esquelética, por conter a maior concentração de imigrantes mexicanos. (CHESNUT, 2011, p. 205).

No México, a *Santa Muerte* é encontrada em todos os cantos do país, mas sua adoração pública é bastante conhecida no bairro de Tepito, na Cidade do México, onde teve seu surgimento público e onde se encontra seu templo mais notório no país, que permanece sob a vigília de Dona Enriqueta Romero Romero, conhecida como a guardiã da morte.

Quanto a suas finalidades sobrenaturais divinas, a *Santa Muerte* surge como uma figura que abraça todas as causas de seus devotos. Pode-se pedir a ela que intervenha tanto para questões de saúde, afastando vícios e doenças, para que traga fortunas, prosperidade e amor, questões morais como tirar as pessoas do caminho do crime, assim como também ela surge como uma vingadora contra os inimigos, pedindo que sua ira recaia sobre seus adversários. A *Santa Muerte* aparece como uma figura religiosa popular de muitas facetas que atende a todos, sem julgamentos, surgindo como uma anti-heroína que se molda conforme as vontades de seus devotos em seus pedidos a ela.

Está dotada de um caráter particular, de atributos específicos: não é nem boa e nem má, pode levar a qualquer sujeito a enfermidade e a morte ou, pelo contrário, a ter uma boa saúde; é capaz de conduzir ao céu ou ao inferno quando chega o chamado de Deus. Seu uso ritual, emprenhado dentro da bruxaria, é branco e negro de uma vez só, serve de intermediária entre Deus e o Diabo. (PERDIGÓN, 2008, p. 80).

Seus altares são compostos por inúmeros elementos, alguns possuem um altar particular a ela, pois acreditam que *La Flaquita* prefere dessa maneira, outros a colocam ao lado de Jesus Cristo, da Virgem Maria, e também podem conter outros deuses de panteões distintos, assim como demais figuras e simbologias religiosas. Perdigón (2008) aponta que os devotos da Santa não tem escrúpulos quanto a incorporar ou mesclar elementos segundo

suas necessidades nos altares, e também o material de cada um desses elementos varia, não havendo um específico, a antropóloga também classifica esses altares em: altares caseiros, altares de iniciados, altares de curandeiros e narcoaltares, cada qual com seus elementos e características particulares de decoração e finalidades.

Seus devotos também variam entre homens e mulheres, jovens e velhos, pertencentes a distintas classes sociais; policiais, políticos e famosos também estão inclusos, minorias marginalizadas pertencentes à comunidade LGBTQIA+, prostitutas, traficantes, criminosos no geral, comerciantes, donas de casa, enfim, todos são muito bem-vindos pela *Santa Muerte* que não julga ninguém por seus atos ou escolhas, pois a Morte sabe das fragilidades dos mortais, e essa é uma das motivações de sua grande popularidade e identificação com todos sem distinções.

A *Santa Muerte* livremente aceita pessoas de todas as raças, todas as religiões e todos os gêneros. A Santa da Morte não vai te rejeitar por amar a pessoa “errada”, por acreditar na fé “errada”, ou ser da cor de pele “errada”. Ela não vai te punir por trair seu esposo ou seus impostos. Ela não solicita que você seja católico ou tenha fé no Deus cristão. *Santa Muerte* alegremente aceita as atenções de mulçumanos, budistas, pagãos, agnósticos curiosos, e de todo o resto que decide procurar uma conexão com ela. Os devotos à *Santa Muerte* aparecem em diferentes formas e tamanhos. A única coisa que possuem em comum denominador é a sua mortalidade: Um dia eles irão morrer. (ROLLIN, 2017, p. 20-21).

Até aqui, podemos perceber que, definir a *Santa Muerte* como uma figura extremamente complexa desde de seu nascimento, não é uma mera opinião, mas uma constatação em meio a tantas incertezas e histórias. Sua imagem, seu culto, seus devotos, seus ritos, até mesmo as localidades por qual se estende sua devoção são extremamente complexas e imprecisas, mas é certo que, cada um dos aspectos dariam inúmeras pesquisas investigativas, e esse é um dos pontos que, pessoalmente, tornou-se um desafio para decidir qual recorte dentre a tantos caminhos possíveis este trabalho teria.

3 LA REINA DE LOS DESAMPARADOS: OS EMBATES DE UMA FIGURA EMBLEMÁTICA

Assim, após essa contextualização do capítulo anterior, podemos adentrar a próxima etapa da pesquisa que analisa e reflete sobre esses conflitos em torno da *Santa Muerte*, através do uso de fontes selecionadas. O capítulo, é dividido em três partes; no primeiro subtítulo abordará as origens e os percursos do narcotráfico no México e como a *Santa Muerte* se insere dentro; no segundo subtítulo, como o Estado e a Igreja Católica se manifestam sobre esse culto e como também acabam por ajudar a influenciar negativamente e a estereotipar ainda mais; e, o terceiro subtítulo, que abordará mais intimamente, apoiando-se em fontes escritas, de caráter informativo e jornalístico, vem abordando esse culto e como também ajudam na construção da marginalização, e como se tenta legitimá-lo e desatrelar-lo dessas amarras.

3.1 A GÊNESE DO NARCOTRÁFICO NO MÉXICO

Quando nos debruçamos para investigar a origem da marginalização do culto a *Santa Muerte*, logo nos deparamos com tópicos que se dedicam a problematizar a crescente influência do narcotráfico, este que por sua vez, se tornou um empecilho com raízes tão profundas e duras de se arrancar no México, que passou a influenciar por sobre toda a sociedade.

Mas, primeiramente, para entendermos a atual condição mexicana de violência e insegurança em grandes proporções que influencia nos desdobramentos sociais do culto à *Santa Muerte*, é necessário, primeiramente, entender a história da relação que o país compartilha com o narcotráfico.

Segundo aponta Rosen e Martínez (2014), o resultado dessa crescente e persistente violência no México, em grande medida, foi ocasionado pela “guerra contra as drogas” de Washington, iniciada nos Estados Unidos em 1971 no governo de Richard Nixon e particularmente ocorrida na região andina do continente americano. Apesar dos esforços de cooperação entre Estados Unidos e os países da região latino-americana, o tráfico de drogas segue nos mesmos níveis, e a violência ameaça a segurança e o estado de direito nos países da região. (ROSEN; MARTÍNEZ, 2014, p. 154). Como muitos pesquisadores corriqueiramente apontam: a guerra travada contra as drogas, foi uma guerra perdida.

Mas, a gênese que desencadeou essa problemática social vai além, o histórico latino-americano de complicações sociais, pobreza, guerras civis, crises políticas, econômicas, ditaduras sanguinárias, entre outros problemas, já abordados anteriormente, se formulou em um currículo bastante extenso de traumas, e como processos de tamanha magnitude, marcaram profundamente essas sociedades, abrindo feridas que ainda hoje, persistem em permanecer abertas e sangrar.

Como destaca Jaime Retamales (2012):

Apesar de ricos em recursos naturais, não puderam transformar esse grande fluxo em benefícios para seus habitantes. Sempre houve um obstáculo para o crescimento econômico como a instabilidade de suas frágeis democracias ou a intervenção estrangeira, como, por exemplo, o apoio de Nixon aos ditadores como o general chileno Augusto Pinochet. Os resultados desses trágicos fatos foram a pobreza e o atraso econômico. (RETAMALES, 2012, p. 7).

Quanto ao contexto histórico, a produção e consumo de drogas no México, remete ao final do século XIX e início do século XX, principalmente, os cultivos de amapola³⁵ e maconha, nos estados de Sinaloa, Durango, Chihuahua, Michoacan e Guerrero. Durante este período era legalizada e consumida para fins medicinais e para a exportação, principalmente, ao vizinho Estados Unidos.

Como aponta O'Neill (2009) e Watt y Zepeda (2012), durante grande parte do século XX, o México estava sob governança do PRI³⁶ e o narcotráfico estava vinculado ao poder político por meio de uma relação de tinte corporativo, cujo os cartéis do narcotráfico estavam somados ao poder político, em especial pelo poder político encabeçado pelo partido hegemônico. (apud ROSEN; MARTÍNEZ, 2014, p. 158). Esse controle político do crime organizada viria a se deterior apenas em 2000, com o primeiro governo mexicano democrático sob a presidência de Vicente Fox (2000-2006), depois de uma história marcada por 71 anos de governos antidemocráticos do PRI no poder.

Porém, durante o período de governo de Fox, emergiram dezenas de novas organizações criminosas violentas, como *Los Zetas* e *La Familia Michoacana*. O chefe da droga Joaquín “El Chapo” Guzmán, escapou da prisão, e em pouco tempo reorganizou o Cártel de Sinaloa até se converter em uma poderosa organização do crime organizado transnacional (ROSEN; MARTÍNEZ, 2014, p. 158). Consequentemente, em meio a

³⁵ Planta usada para a produção de heroína.

³⁶ Partido Revolucionário Institucional.

violência crescente nascida dos cartéis do narcotráfico, esse tornou-se o grande empecilho que resultou na perda da seguridade do Estado.

Mas, todo esse cenário viria a se precarizar ainda mais quando Felipe Calderón subiu ao poder logo em seguida, em um governo que durou de 2006 a 2012, e trouxe um acirramento ainda maior da violência, com sua ofensiva contra o narcotráfico para combater os índices negativos. Como aponta Rosen e Martínez (2014), a espiral de violência no México que caracterizou o período do governo de Felipe Calderón se deriva, principalmente, das lutas brutais entre os cartéis do narcotráfico pelo controle da produção e das rotas de tráfico de drogas.

A principal estratégia de Calderón foi militarizar essa luta, baseando-se no modelo de guerra contra as drogas do vizinho Estados Unidos e, esse se tornou o principal ponto de pauta de seu governo durante os anos em que o México esteve sob sua administração, sendo sua principal estratégia, combater os cartéis e capturar os seus líderes principais, ainda vivos.

Dessa forma, Felipe Calderón e George W. Bush uniram forças, onde o México recebia assistência e apoio dos Estados Unidos nessa luta, firmando o acordo IM³⁷ em 2007, que tinha como objetivo combater os cartéis de droga no país. No entanto, a IM apoiava o exército e fornecia recursos para o melhoramento da infraestrutura tecnológica das instituições de segurança, no lugar de destinar maiores recursos para o fortalecimento da democracia, das instituições, e da educação. (ROSEN; MARTÍNEZ, 2014, p. 158).

Por outro lado, também não se combateu a corrupção e a impunidade nas instituições de segurança e do sistema judicial, problemas esses, que como aponta Alfaro (2015), são problemas vinculados, já que a impunidade nas instituições públicas gera maior corrupção e isso faz com que as instituições fiquem mais fracas e debilitadas.

Assim, pode-se perceber que o problema do aumento da violência por conta do narcotráfico não tem somente origem interna no México, mas também recai sobre os Estados Unidos, tanto por conta do apoio como pela sua estratégia falida de guerra às drogas adotado pelo governo mexicano a partir de 2006.

Em suma, haveria outros pontos mais importantes que o Estado deveria ter se voltado nesse combate para se agarrar e conseguir combater o narcotráfico com eficiência, como a

³⁷ Iniciativa Mérida.

própria questão tão presente dos altos níveis de desemprego e demais problemas subjacentes, que não foram o foco dessa empreitada do governo, que preferia recair diretamente no “olho do furacão depois que a tempestade já havia explodido”.

Rosen e Martínez (2014) ainda destacam que a guerra ao narcotráfico no México afetou toda a sociedade, incluindo pessoas inocentes, as principais vítimas dessas lutas violentas, pessoas que não eram traficantes de drogas e muito menos participavam em atividades ilegais. Muitos inocentes acabam morrendo por se encontrarem no lugar errado e na hora errada, acabando em meio a esses conflitos, fazendo com que o governo de Calderón tenha tido um alto número de casos de violência contra essa parte da população que nada tinha haver com essa guerra sanguinolenta. Assim, a violência no México não somente impacta a seguridade do país; senão também impacta a economia e o sistema político, onde políticos e funcionários públicos abandonaram o país por causa da violência, dificultando ainda mais a recuperação e o crescimento econômico. (ROSEN; MARTÍNEZ, 2014, p. 164).

O governo posterior, liderado por Enrique Peña, não apenas continuou o plano de combate ao narcotráfico do governo anterior, mas também ateu-se aos problemas subjacentes (corrupção e debilidade das instituições públicas). Por mais que, se comparado ao último ano de Calderón, o governo de Peña Nieto tem um cenário bastante diferente, porém continua com os mesmos níveis de violência, afinal, a jovem democracia mexicana, ainda tem um caminho grande a percorrer para sua consolidação de fato, pois suas principais instituições ainda estão sob poder de organizações criminais e embebidos em corrupção, nem mesmo os presidentes saíram ilesos de acusações de recebimento de subornos de narcotraficantes.

Vale destacar ainda que, o narcotráfico está tão enraizado na sociedade mexicana que atinge a própria cultura do país. Podemos observar a chamada ‘narcocultura’ em crescente trajetória: séries de tv, novelas, filmes, na moda, no comportamento... Enfim, o narcotráfico também passou a fazer parte intrínseca da cultura do país em uma literal romantização dessas figuras de liderança e mesmo da própria violência, usando a ficção a seu favor. A *Santa Muerte* também acaba sendo inserida nesse contexto da narcocultura, como pode-se observar, citando de exemplo, nas séries de tv *Breaking Bad* e *Criminal Minds*, onde esse culto é reproduzido atrelado, exclusivamente, à criminalidade.

Atualmente, o último mapa que mostra a distribuição dos principais cartéis do narcotráfico do ano de 2021, retirado do site *infobae.com*, mostra ao menos 16 organizações

que dominam o cenário do crime no México e emergem nas disputas pelas rotas de drogas, distribuídos em cerca de 25 estados, sendo responsáveis por cerca de 60% dos homicídios no país, segundo o *gabinete de seguridad*.

No mapa a seguir, mostra ainda que, a geografia do país está majoritariamente dominada por cartéis e, conseqüentemente, pelos altos índices de violência.

Imagem 5 - Mapa de distribuição dos cartéis no México (2021).



FUENTE: GABINETE DE SEGURIDAD

infobae

Fonte: Gabinete de Seguridad, 2021³⁸.

É dentro dessas problemáticas em torno do narcotráfico tão influente e penetrante na sociedade mexicana que as primeiras problemáticas e embates acerca da *Santa Muerte* são levantados, quando o Estado toma a frente.

³⁸ Disponível em:

<https://www.infobae.com/america/mexico/2021/07/03/quien-es-quien-en-el-mapa-del-narcotrafico-e-n-mexico-estos-carteles-dominan-en-2021/>. Acesso em: 01 jan. 2022.

3.2 MORTE À MORTE: DOS CONFLITOS COM O ESTADO E A IGREJA CATÓLICA

Dentro disso, alguns cartéis e grupos ligados ao narcotráfico se destacam por sua conexão à religiosidade popular, em especial, seus santos populares, inclusive a *Santa Muerte* que, corriqueiramente, ganha um maior destaque. E, é exatamente essa conexão entre a *Santa Muerte* e demais religiosidades populares frequentemente citadas em matérias que abordam o assunto.

Observa-se um afastamento radical ao compararmos com as formas das pessoas comuns de fazer esses ritos, sendo essas formas utilizadas por criminosos e narcos, os principais atrativos para as mídias ao abordarem os santos populares, em especial, a *Santa Muerte*, ao qual as mídias trazem com seu principal alvo, muitas vezes, através de um prato cheio de sensacionalismo ao qual são redigidas as matérias, que se apoiam nessa fragilidade desse culto que, muitas vezes, é veementemente negado e combatido.

Mas, é preciso compreender alguns interesses específicos destes grupos criminais em se apegarem à religiosidade popular. O buraco é muito mais profundo do que é trazido e usado pelas mídias, quando atrelado, especialmente, em torno da religião, por isso, a necessidade de se ater a fontes confiáveis, em especial, de estudos antropológicos, sociológicos e históricos, que trazem essas problemáticas com o aporte teórico adequado, para que assim, se possa analisar todo esse cenário com um olhar mais embasado e, é esse ponto, que será elucidado neste subcapítulo.

Começando pelo princípio, como exemplos de cartéis com essas ligações e, que são extremamente poderosos e com faixas significativas de território e influência, pode-se citar: *Los Zetas*, *Cartel del Golfo* e *Caballeros Templarios* que se originam da *Familia Michoacana*. Esses grupos são muito conhecidos pela violência extrema empregada para manterem e expandirem seus domínios. E, é nesse ponto, que observa-se as distinções quanto às formas ritualísticas de cultuar a *Santa Muerte* e também as finalidades destes variados grupos criminais em envolver a religiosidade popular nesse meio.

Trazendo um apontamento da antropóloga Kate Kingsbury (2021) para reforçar sobre a diversidade entre os grupos que adoram a *Santa Muerte*: Muitos pertencem a grupos que diariamente são obrigados a enfrentar a morte, entre eles, os narcos, cuja as atividades nefastas significam que vivem no fio da navalha da vida, desrespeitando a lei e enfrentando ameaças contínuas de gangues rivais ou da polícia. Nesse ponto, não se pode esquecer que,

segundo seus devotos, a *Santa Muerte* está para todos e não julga ninguém, afinal, a morte é universal, uma hora ou outra ela chega para todos, e não é de se estranhar que sua adoração seja tão forte entre criminosos no geral.

Nesse sentido, a violência resultante dos cartéis se estende por suas práticas ritualísticas. Nos aportando ao ensaio de José Carlos G. Aguiar intitulado de *¿A quién le piden los narcos? Emancipación y justicia en la narcocultura en México*, publicado em 2020, o autor destaca que, desde o princípio da guerra contra as drogas em 2006, se registraram ritos cada vez mais extremos a fim de obter poder e impunidade entre os traficantes. Por exemplo, em Tonalá, Jalisco, foi encontrados corpos mutilados nos arredores de uma capela da *Santa Muerte*, em uma colina que se crê realizarem sacrifícios humanos. (AGUIAR, 2020, p. 134). Outros casos parecidos também foram registrados em Sonora, Tamaulipas, Veracruz e Estado do México, confirmando que vários grupos criminais no México estão praticando tanto sacrifícios humanos quanto a antropofagia³⁹.

Rituais de sangue e do corpo são observados em diferentes culturas e são milenares, a quais podemos citar de exemplo entre os próprios Astecas que habitavam a região em questão e cujo a cultura é muito presente no país através das heranças indígenas⁴⁰, onde esses elementos ganham um significado religioso grandioso quando são oferendados às divindades. Hoje, esses rituais caíram em desuso e são proibidos perante a lei e mesmo a moral humana contemporânea. Mas, para além do significado primordial desses rituais, entre o mundo do crime ele ganha uma repaginação e uma ressignificação muito mais associada à manutenção do poder desses grupos através da agressividade e violência desses atos do que puramente religiosos como eram no passado.

Como aponta Aguiar (2020), a antropofagia se torna um ritual de empoderamento daqueles que ingerem a carne dentro dos cartéis do narcotráfico e grupos criminais e, ao mesmo tempo, representa uma prova de lealdade; facilita a cooperação entre os membros de um grupo e reduz a ansiedade ante uma possível traição:

³⁹ Antropofagia (do grego *antropos* = homem e *phegein* = comer), qualidade ou hábito de pessoa ou de grupo humano que come carne humana em um contexto ritualístico e espiritual. (Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/antropofagia>. Acesso em: 21/12/2021). Em algumas culturas, acreditava-se que o consumo de carne humana fazia com que a pessoa absorvesse as qualidades daquele que estava sendo ingerido, por isso, eram consumidos, de preferência, os guerreiros rivais mais bravos que eram capturados em batalha.

⁴⁰ Este aspecto já foi abordado anteriormente nesta pesquisa ao tratarmos sobre identidade cultural em torno da morte no México.

O corpo é a oferenda: É devorado ou adornado com ouro e marcas de luxo para ostentar o êxito. Mas, é também um recurso: Se dissolvido ou aniquilado, o corpo de vítimas inocentes constitui o poder dos atores criminosos. Como se houvesse uma relação entre as formas de liberação de drogas como pessoa, aniquilando vítimas inocentes, para ganhar a impunidade. O sangue derramado aumenta a soberania do narcotráfico como agente: Cada morto perpetua seu poder e impunidade. (AGUIAR, 2020, p. 135).

Ainda, levando em conta as poucas investigações forenses sobre esses casos, é impossível estabelecer com certeza sobre a quantidade de vítimas mortais do narcotráfico no México, em especial, quando se trata daquelas que foram usadas nesses rituais por esses grupos criminosos, sendo que a cada dia aparecem novas fossas com novos corpos. No interior, foram registradas aparições de corpos em estradas e terrenos próximos aos altares da *Santa Muerte*. (AGUIAR, 2020, p. 135). Mais próximo às cidades, os corpos são encontrados em localidades onde a criminalidade é alta e muito presente, ou mesmo propriamente território de cartéis.

Assim, os criminosos se apropriam da cultura, em especial, das devoções populares que, muitas vezes, acabam sendo fortemente vinculadas pelo Estado, as mídias e a própria Igreja Católica com o mundo do crime, que se aproveita e usa desse artifício como uma forma de legitimar a presença e função do chefe e sua organização perante a população e as comunidades. Uma vez reconhecidos como atores reguladores da segurança e proteção física, os atores criminais fazem uso de recursos simbólicos como os santos e cultos; com essas imagens e práticas se definem e circulam noções de proteção e justiça social. (AGUIAR, 2020, p. 136). Também vale ressaltar que, várias agências governamentais de controle, tanto no México como nos Estados Unidos, têm feito conexões entre crimes horríveis e bizarros com a *Santa Muerte*. (BROMLEY, 2016, p. 14).

Mas não se pode esquecer que, tudo isso quando tornado público, também está intimamente vinculado com as tentativas de abolir esse culto através dessa trindade que rege a sociedade (Estado, Igreja Católica e Mídias), então, quando pesquisamos em específico esses casos de rituais violentos, acabamos mergulhando em um mar de contradições, que misturam-se com verdades, meias-verdades e inverdades nessas tentativas de o desqualificar e o criminalizar ainda mais, e o próprio aporte teórico no que diz respeito a essa temática dos rituais humanos e de antropofagia que são vinculados de alguma forma a cultuação a *Santa Muerte*, ainda é bem escasso, mas foi necessário ser abordado aqui porque são muito utilizados como armas contra esse culto.

Nesse aspecto, a política de combate ao narcotráfico do Estado, acaba incluindo entre seus inimigos essas religiosidades populares que são vistas como "cúmplices" das organizações criminais e mesmo como meios e formas delas se alastrarem entre a sociedade com mais facilidade, sendo juntamente combatidas. A *Santa Muerte* é o culto que se destaca, que por todo o seu histórico, muitas vezes mal-interpretado, acabou sendo o principal alvo desses embates, e o que está se transformando numa chamada "Guerra Santa", onde os seguidores da *Santa Muerte* acusam as autoridades de perseguição religiosa.

Na matéria intitulada "*Declaran "guerra santa" en México*" da BBC News, do ano de 2009, traz sobre a destruição de altares a *Santa Muerte* ao final de março do mesmo ano, onde autoridades federais e municipais de Nuevo Laredo, apoiadas pelo exército, destruíram as capelas dedicadas a *Santa Muerte* no quilômetro 22 da estrada a Monterrey.⁴¹ Uma das suposições que levantam sobre a justificativa para tal ato, foi por conta de reclamações que diziam que as capelas passavam uma imagem ruim para a cidade, mas nenhuma das autoridades responsáveis deram uma versão oficial a respeito das razões que levaram à destruição.

Mas essas destruições das capelas não passaram em branco, pois levaram a diversos protestos dos devotos da *Santa Muerte* que afirmavam serem estigmatizados pela sociedade mexicana, quando consideram que se trata de um culto em que somente participam assassinos, narcotraficantes e todos aqueles que não encontram um espaço na Igreja Católica. (BBC NEWS, 2009). Em depoimento trazido na matéria de uma das seguidoras da *Santa Muerte*, afirma que: "Aqui há todo o tipo de pessoas. O único que queremos é que se respeite a liberdade de culto". Nesse sentido, também são levantados debates acerca da questão da liberdade de culto que, como trazido no capítulo anterior, é garantida pela Constituição do México. Assim, fica em aberto a questão de que essa liberdade garantida constitucionalmente, possa ser, seletiva de fato, ao que os acontecimentos indicam.

Como ainda reforça Lomnitz (2018), uma grande parte dos levantamentos de estudos etnográficos recentes concordam que nessa questão de marginalização, identificam a comunidade de crentes a Santa como uma população que sofre com altos índices de vulnerabilidade e incertezas, situação que de nenhuma maneira se reduz ao mundo criminal. A etnografia demonstra que o foco de petições centrais do culto são de caráter protetor, e

⁴¹ BBC NEWS: Mundo. *Declaran "guerra santa" en México*. Disponível em: https://www.bbc.com/mundo/america_latina/2009/03/090406_1615_mexico_muerte_ms. Acesso em: 3 de fev. 2022.

também, em menor medida, rezas pedindo para assegurar um amor. (LOMNITZ, 2018, p. 104).

Ainda, dentro dessa relação com o Estado, Ballarin (2008) destaque que, a *Santa Muerte* é vista como uma esperança eficaz, no instante em que o Estado não assegura o acesso da população para desfrutar dos Direitos Humanos, e sugere ainda que:

No México, se estaria dando uma transição das petições que geralmente são feitas ao Estado em direção a *Santa Muerte*: trabalho, residência, uma vida melhor, seguridade, educação, saúde. (...) Ela vai se apropriando das funções do governo, retraduzidas do coletivo para os individuais, e se produz uma sobreposição de uma “cultura cidadã” de caráter coletivo a uma de “resolver meu problema agora mesmo”, em um cenário em que os atores sociais se vão modificando em personagens que, anonimamente, negam sua cidadania e se promovem como crentes em um símbolo-alavanca com o qual se lançam no mundo. (BALLARIN, 2008, p. 19).

Dessa forma, dentro das petições a *Santa Muerte* de seus devotos, pode-se perceber um indicador daquilo que a cidadania anseia e que um Estado, de características neoliberais, não garante. À sua população, ou seja, essa devoção também se prende as fragilidades sociais, onde encontra um poderoso aliado para sua crescente popularidade. Dentro desse aspecto, essa devoção ainda pode ser vista como um ser desafiador da legitimidade e autoridade do Estado, ainda mais que, ela abraça justo os grupos que mais o Estado luta para repelir, sendo catalogada como uma religiosidade folclórica e popular, extremamente perigosa por esse estamento.

Assim, chegamos também às problemáticas levantadas pela Igreja Católica, que também compartilham dos mesmos temores de afronta a sua legitimação e poder frente a essa sociedade que é composta por altos números de pessoas consideradas católicas, mas isso não é uma motivação para a população não se apegar a santos populares e criarem seus meios alternativos de “complementação devocional”. Mas, esse é um problema para a Igreja Católica Romana, que teme perder seus devotos, e para combatê-la, não a reconhece como uma santa oficial, mesmo muitos pesquisadores acreditando que a *Santa Muerte*, hoje, esteja quase em mesmos níveis de popularidade que a própria Virgem de Guadalupe a padroeira protetora oficial das terras mexicanas.

Para elucidar melhor esse embate da *Santa Muerte* com a igreja, em matéria traduzida do original em espanhol para a versão em português da *BBC News* do ano de 2013

intitulada de *Igreja faz exorcismos para livrar México de 'diabo do narcotráfico'*⁴², onde é retratado que, segundo padres católicos locais, o país está sob ataque de 'Satanás'. Os religiosos se justificam dizendo que o Diabo seria o principal responsável por essa onda de violência que assola o país que é impulsionada pelo tráfico de drogas. (BBC News, 2013). O contingente de padres exorcistas⁴³ no México aumentou consideravelmente, mostrando a seriedade em que este assunto é tratado pela Igreja Católica e, assim como muitos clérigos, o depoimento do padre citado na matéria aponta o culto da *Santa Muerte* como razão detrás do que ele descreve como "presistente presença do demonio". (BBC News, 2013). O padre ainda usa dos sacrifícios humanos que alguns grupos de narcos e criminosos fazem (e que já foi mencionado anteriormente), em tese, a *Santa Muerte* como um dos fatores que levam a violência do país crescer ainda mais, como argumento para ressaltar seu ponto de vilanização do culto à *Santa Muerte*.

A matéria da BBC News ainda aborda sobre o "vínculo" da *Santa Muerte* com o narcotráfico, trazendo o depoimento de outro clérigo que afirma que o governo pediu à igreja ajuda na campanha para derrotar os grupos criminais, onde o Estado seria responsável por derrotá-los militarmente e a igreja a derrotar a *Santa Muerte*. (BBC News, 2013). Ainda, a igreja chama de "satânicas" as pessoas que seguem o culto e as vêem como candidatas aos exorcismos. Essa tentativa da igreja em associar o culto a *Santa Muerte* ao Satanismo e os riscos daqueles que a cultuam serem possuídos por espíritos malignos e demoníacos é uma forma de usar do medo a seu favor em frente a uma população extremamente religiosa, mas que como vemos pelo aumento de seguidores da Santa, aparentemente, não vem tendo muitos bons resultados como o esperado.

Porém, como já visto, não faz sentido chamar os devotos à *Santa Muerte* de satânicos⁴⁴, sendo que majoritariamente eles se consideram católicos, e a própria Santa nasce sob os moldes de uma 'santa oficial' e se mescla através das inspirações em tradições

⁴² BBC News: Mundo. *Igreja faz exorcismos para livrar México de 'diabo do narcotráfico'*. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/11/131126_exorcismo_mexico_santa_muerte_lgb. Acesso em: 08 de mar. 2022.

⁴³ Exorcismo é uma prática religiosa realizada pela Igreja Católica com o intuito de expulsar demônios ou espíritos malignos do corpo de pessoas supostamente possuídas por esses espíritos.

⁴⁴ Aqui também ressalto que, dentro do próprio aspecto da questão de associação com o Satanismo poderiam ser levantadas diversas problematizações e mesmo uma pesquisa voltada exclusivamente a esse ponto em específico, levando em conta o que é de fato o Satanismo: aquele que é uma religião, com suas práticas, dogmas e mesmo diferentes vertentes e, em contrapartida, aquilo que a Igreja Católica vê como Satanismo.

católicas aos mortos que foram trazidas durante a colonização. Como afirma em depoimento Enriqueta Romero: “Antes me importava no que a Igreja Católica pensava, mas eles acabaram com nossa fé com o que fizeram os sacerdotes com a violação das crianças. No que podem nos criticar? Por que adoramos a morte? Isso não é mal, mal é o que eles fizeram”. (BBC News, 2013). Neste aspecto que Enriqueta Romero comenta, também é trazido por pesquisadores, que os casos de pedofilia cometidos por clérigos da Igreja Católica também seria um ponto forte que fez e faz com que as pessoas se afastem dessa instituição religiosa.

Como apontado por Giglio (2016), existe uma manipulação da mídia sensacionalista mexicana e estratégias de algumas igrejas para o movimento da *Santa Muerte* não crescer. Alguns pesquisadores afirmam que a igreja demoniza a *Santa Muerte* pois estão perdendo devotos. E os devotos da *Santa Muerte* sofrem preconceitos por acreditarem nela. (GIGLIO, 2016, p. 266). A autora ainda cita, que esse combate discriminatório da igreja se assemelha ao que a mesma submeteu aos indivíduos que possuíam/possuem HIV, em especial, o grupo dos homossexuais, que mais sofriam/sofrem com as represálias.

Um fato curioso neste ponto é que, por outro lado, o culto a *Santa Muerte* se encontra em uma vertente que pode-se definir como “heterodoxia institucionalizada”, já que tem sido incorporada a uma instituição religiosa e eclesiásticas que se autodenomina “católica”, mas não “vaticana”: A Igreja Católica Tradicional México-Estados Unidos. (LUGO, 2007, p. 19). Na sede da igreja, chamada de *Parroquia de la Misericordia*, encontra-se o *Santuario Nacional de La Santa Muerte*, que foi erguido dentro da paróquia quando, segundo relatos, a *Santa Muerte* teria se manifestado entre os crentes ordenando que fosse criado ali, inclusive, essa revelação se encontra transcrita em uma das paredes.

Na paróquia se observa diferentes elementos misturados, um altar dedicado ao Sagrado Coração de Jesus; um À *Santa Muerte*, onde há várias imagens da mesma. (LUGO, 2007, p. 20). A missa é aos moldes tradicionais da Igreja Apostólica Romana. Durante a cerimônia, a *Santa Muerte* é mencionada na primeira leitura do sermão e no evangelho, mas ainda, o principal personagem da cerimônia permanece sendo Cristo.

Mas, essa Igreja Católica Tradicional se difere em alguns pontos do catolicismo:

O papa não é reconhecido como autoridade máxima e se negam às reformas promovidas pelo Segundo Concílio Vaticano. Por outro lado, esta igreja aceita que os sacerdotes se casem, promovem o uso de preservativo feminino e masculino, a pilula do dia seguinte, aceita o aborto em casos de estupro e se manifesta contra o

mito da virgindade. Ademais, abre as portas a homossexuais e travestis; no entanto, há um ponto em que está igreja demonstra suas limitações de suas aberturas: a rejeição da possibilidade de que uma mulher seja ordenada. (LUGO, 2007, p. 20).

Porém, em abril de 2005, foi retirado o registro como associação religiosa da Igreja Católica Tradicional México-Estados Unidos. Segundo a Subsecretaria de Assuntos Religiosos da Secretaria de Governança, teria violado o Artigo 29 da Lei das Associações Religiosas, quando mudou seu objeto religioso do catolicismo tradicional com um culto tridentino para dedicação à *Santa Muerte*. (LUGO, 2007, p. 21). Essa situação, teria sido uma clara demonstração do Estado cedendo à vontade da Igreja Católica.

O Estado e a igreja são as duas maiores instituições do México, as mais poderosas, e em comum encontraram a repressão ao culto da *Santa Muerte*, cada um combatendo à sua maneira, mas ainda assim, ambas instituições também enfrentam históricos conflitos e tensões desde meados do século XIX, por uma maior hegemonia de poder entre si e pela lealdade do povo.

Durante o século XX também se observa diversas tentativas de virar os cenários a favor de cada uma dessas instituições. A partir da década de 1990, começa um processo de restauração e se estabelecer relações diplomáticas formais entre governo mexicano e o Vaticano, com cada lado limitando sua crítica ao outro, em um delicado equilíbrio de antagonismo mutuo. (BROMLEY, 2016, p. 9). E é esse histórico de tensões, mas simbióticas relações, que limitaram o potencial de uma campanha coordenada entre igreja e Estado em resposta à popularidade e crescimento da *Santa Muerte*. (BROMLEY, 2016, p. 9).

Assim, cada uma dessas instituições tem os seus propósitos e enfrenta esse que é um ‘problema’ para a hegemonia de ambos os lados a sua maneira, mas a *Santa Muerte* resiste bravamente, graças aos seus fiéis seguidores, que não temem e nem hesitam em lutar por aquilo que acreditam, e muito menos questionar qualquer instituição que seja. No fim, a religiosidade popular se mostra um campo ambíguo cheio de contrastes dos mais variados segmentos e grupos humanos, em um mar de resistências que mostram a força dos grupos minoritários e marginalizados pelo topo da pirâmide social.

3.3 DAS RELAÇÕES COM A MÍDIA: ALIADA OU INIMIGA?

Outra chave de extrema importância neste debate da marginalização da *Santa Muerte* são os veículos midiáticos de cunha jornalístico, especialmente, os periódicos, artigos e matérias em formato *online* na internet, disponíveis ao grande público, não somente local,

mas em nível internacional, onde, atualmente, qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo e momento, pode usufruir de informações disponibilizadas pelos jornais das mais variadas línguas e países, tudo isso na palma de nossas mãos, necessitando apenas estar conectado a internet⁴⁵. Assim também, nesse ciberespaço se publicam, cada vez mais, todo o tipo de informações científicas e culturais; somente é preciso colocar a palavra desejada no explorar, aparecem redes de informações. (PERDÍGON, 2008, p. 96).

Tudo isso é possível graças a globalização combinada ao avanço rápido das tecnologias, principalmente observadas ao decorrer do século XXI, permitiu aos seres humanos uma evolução social em diferentes aspectos da vida, facilitando nos empecilhos do cotidiano. Uma das mais significativas dessas transformações, foi a ocorrida na forma de nos comunicarmos e na própria grande rede de comunicação que passou a ser quase que exclusivamente digital. Mas, tratando-se de América Latina, observamos todo esse avanço ocorrendo de uma forma bem diferente de outras regiões do mundo mais avançadas e ricas economicamente.

Nesse sentido, é importante contextualizar sobre as origens desse cenário, onde um dos principais problemas que atinge a todos os países da América Latina é a concentração econômica no setor da comunicação. Em geral, os meios de comunicação estão em mãos de poucas corporações, muitas vezes pertencentes a dinastias familiares, normalmente, ligadas a grupos empresariais ou ao próprio Estado. (MACEDO et al, 2016, p. 90). Isso, desencadeou problemáticas também de caráter político, onde pode-se observar o apoio a golpes contra governos com o suporte da mídia:

A ascensão de políticos de esquerda à Presidência em países da região no início deste século revelou mais uma vez os interesses dos meios privados, ao ponto de identificar-se a tentativa de golpes contra esses governos promovidos ou apoiados pela mídia em alguns países, tais como a Bolívia, Equador, Venezuela e, mais recentemente, Paraguai e o Brasil. (MACEDO et al, 2016, p. 90).

Em contrapartida, lideranças da oposição com o apoio de movimentos sociais contrários a essas manipulações da mídia que compactua com as tentativas de golpes de Estado, resistem ao defenderem a implementação de leis que tenham como propósito serem reguladoras desse setor, reivindicando direitos à informação e à diversidade cultural de suas populações (MACEDO et al, 2016, p. 90), em uma tentativa de democratizar, de fato, esses meios.

⁴⁵ Alguns jornais *online* cobram uma assinatura de valores que variam de um para outro para conseguir ter acesso às matérias.

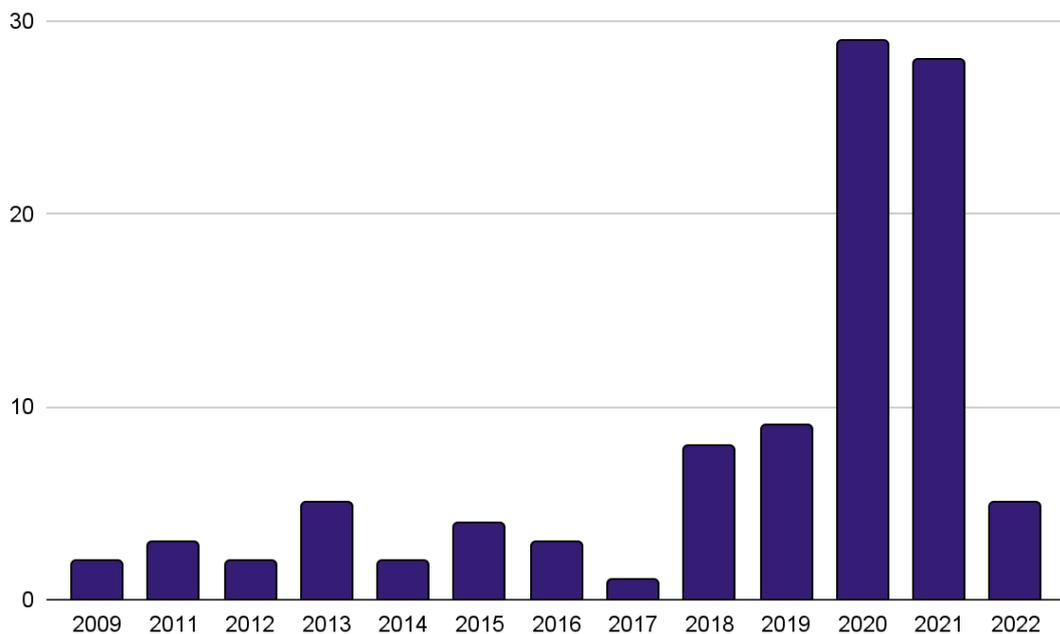
No caso do México, esse foi o primeiro país da América a ter uma imprensa, no ano de 1533. Mas, apesar dessa conquista, da independência do México e da Revolução Mexicana, a liberdade de imprensa no país tem sido marcada por conflitos com o Estado e pelas ações do crime organizado. (TEMER; ZAMORA, 2017, p. 137). Segundo as autoras, a imprensa mexicana também é um dos grupos que não consegue escapar da violência incubida pelo narcotráfico no país e, conseqüentemente, também sofrem com a falta de impunidade de tais atos. Foram diversas agressões registradas contra esses profissionais, incluindo intimidações, desaparecimentos e mesmo mortes.

Nas regiões de maior incidência da violência do narcotráfico, como em Sinaloa, esses casos de violência contra a imprensa são ainda mais graves e corriqueiros, se tornando um desafio para esse meio registrar e informar sobre essa temática do narcotráfico por conta dessa grande retaliação que é recebida em troca.

Ao mesmo tempo em que a imprensa é também uma vítima de toda essa violência que assola o país, ela também acaba vitimando outros grupos dessa sociedade que nada tem haver com esses embates. Como dito anteriormente, os periódicos de veículos jornalísticos disponíveis *online* em sites oficiais, se aproveitam dos grupos de criminais e de narcos que também prestam devoção ao santos populares, para redigir matérias muitas vezes extremamente sensacionalistas sobre esses cultos, em especial, a *Santa Muerte*, que acaba se tornando um alvo preferido em meio às matérias, por conta de toda uma combinação de sua imagem, bastante peculiar que chama a atenção logo de cara, do seu culto aberto a todos sem olhar o histórico dos indivíduos que desejam cultuá-la e, ainda, combinados a forte relação que é criada dessa figura religiosa com o narcotráfico que, na grande maioria das vezes, é ainda mais estereotipados e reforçados por esses meios, como veremos a seguir.

Ao pesquisar as matérias de forma *online* via *Google*, observa-se uma grande variedade de veículos de imprensa que trazem sobre o culto a *Santa Muerte*, sendo identificado em grandes veículos de alcance internacional como *El País*, *BBC News*, *Business Insider*, *New York Post*, *Vice*, *GQ Britain*, UOL Notícias, *New York Post*, G1 Notícias, *News 18*, entre outros. E, os maiores locais, como: *Excelsior*, *Diario de Mexico (DDMX)*, *El Heraldo de Juárez*, *El Sol de México*, *La Jornada*, entre outros.

Quanto às datas de publicações dessas matérias, foi construído a tabela abaixo para melhor elucidação:

Tabela 1 - Datas de publicações de 2009 a 2022.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Nos levantamentos feitos de matérias oficiais de veículos de imprensa para a presente pesquisa, que pode-se observar no gráfico anterior, um grande aumento de matérias publicadas sobre a *Santa Muerte* na última década, durante os anos de 2020 e 2021 temos um *boom* que não é visto em momentos anteriores.

Esse momento da última década também coincide tanto com o aumento de pesquisas que também vem crescendo em mesma proporção e período, quanto com as aparições da *Santa Muerte* em séries de TV, documentários, música, juntamente, ao número crescente de seguidores também ocorridos na última década. Ou seja, as matérias aumentam conforme o interesse pela abordagem desse culto nos mais diversos segmentos também aumenta.

O início dessas publicações, de fato, se deu por volta de 2009, onde pode-se encontrar um contingente significativo dessas matérias, mas voltando um pouco atrás no tempo, deparei-me com a matéria mais antiga que encontrei do ano de 2005, antes disso, de forma *online*, não encontrei outras além, o que se pode explicar pela chegada mais assídua da internet na América Latina por volta de 2009/2010. Neste ponto, também vale destacar que,

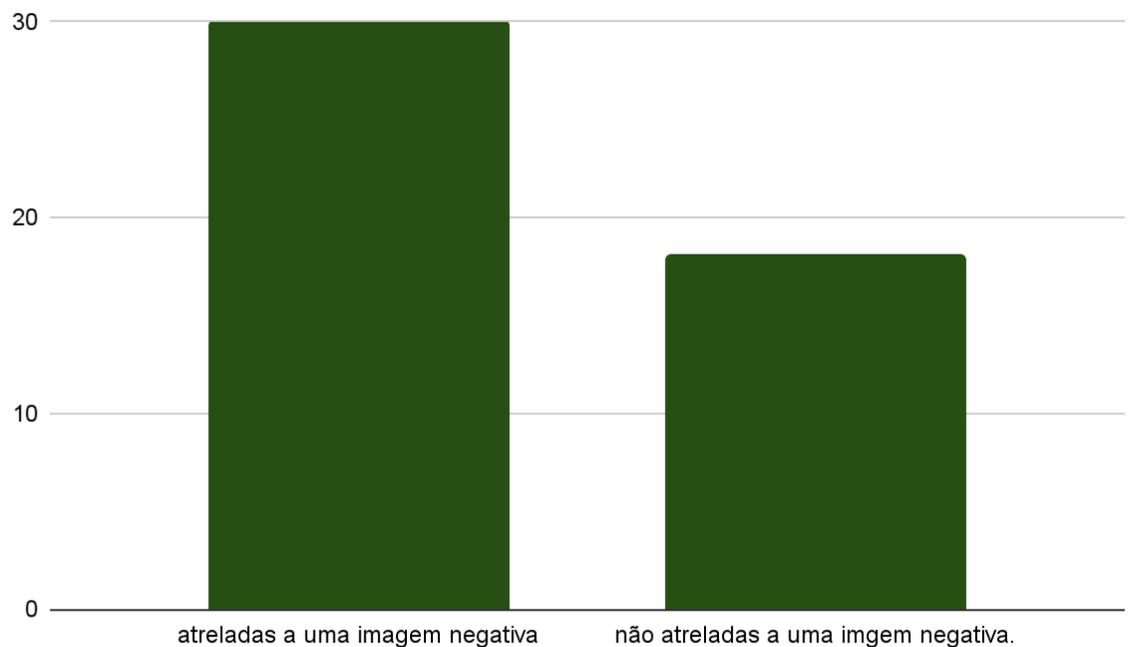
o aumento de matérias em 2020-2021 também coincide com a pandemia do coronavírus⁴⁶ que assolou o mundo nesse período causando milhares de mortes, e ainda, até o presente momento desta pesquisa, permanece ativa, mas em menor escala de infecções.

Quanto à abordagem, a mídia tentou mostrar uma relação da Santa exclusivamente com os casos dos narcotraficantes famosos. Toda a vez que um narcotraficante é visto com um símbolo da Santa, ela e o traficante são relacionados com o demônio. (GIGLIO, 2016, p. 266). Ainda, descrições da veneração a *Santa Muerte* regularmente incluem ou acompanham histórias de atividades dos cartéis de drogas, dos assassinatos relacionados às drogas, das passagens ilegais pela fronteira, ou outras atividades envolvendo extrema violência. (WHITTINGTON, 2011, p. 62). Aqui, também, podemos pontuar que, esses aspectos do uso frequente dessas partes mais "sórdidas" em matérias imbuídas de sensacionalismo, podem também estar atreladas à motivação de que esse tipo de conteúdo atrai um público maior e, conseqüentemente, se torna mais lucrativo a esses veículos.

Quanto ao conteúdo de algumas matérias levantadas o gráfico abaixo é trazido para melhor elucidação:

Tabela 2 - Comparativo do conteúdo das matérias levantadas pela pesquisa de 2009-2022.

⁴⁶ Nesse aspecto da recente pandemia, a antropóloga Kate Kingsbury, juntamente com o antropólogo R. Andrew Chesnut, em seu recente artigo conjunto intitulado de *Holy Death in the Time of Coronavirus: Santa Muerte, the Salubrious Saint*, publicado em 2020, aborda as mudanças ocorridas no culto a *Santa Muerte* durante esse período de pandemia, onde destaca que, tanto a população pobre que não pode ficar em casa por necessidades maiores de terem que sair para trabalhar, quanto os profissionais da saúde na linha de frente desse combate, em grande maioria, se apegaram fielmente a *Santa Muerte* pedindo para que ela os proteja-se nesse momento. Também é destacado que uma nova vela da *Santa Muerte* para oferenda com o objetivo exclusivo de proteger contra o COVID-19 surgiu no mercado, juntamente a novas orações pedindo a ela também para essa finalidade.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

No gráfico elaborado pela autora acima, onde é levantado um comparativo da forma de abordagem dos conteúdos das matérias que tem a *Santa Muerte* como principal elemento ou onde ela é mencionada, foram selecionadas e analisadas cerca de 48 matérias publicadas de forma *online* nos veículos de imprensa.

Dentre essas matérias, em cerca de 30 delas foi observado que, a *Santa Muerte* é colocada e inserida dentro do contexto do narcotráfico ou associada à criminalidade, ou ainda aos rituais de sacrifícios humanos e mesmo sobre exorcismos para “retirar a *Santa Muerte* de pessoas”, em tese, “possuídas” por ela, em redações redigidas sob um forte sensacionalismo com o uso de palavras de efeito e sentido lúgubre para se referir a Santa, como: sinistra, sombria, macabra, etc. Ou seja, através deste comparativo é perceptível o que já foi trazido aqui sobre, que majoritariamente, a balança da mídia tende a pesar para o lado atrelado a violência, ao narcotráfico e a demonização dessa figura, ajudando, ativamente, a reforçar ainda mais a marginalização sobre esse culto e, conseqüentemente, sobre os devotos, os limitando e estereotipando a esses grupos criminais violentos. Como o antropólogo R. Andrew Chestnut descreve em uma definição sobre essa imagem que a imprensa promove, no geral, da *Santa Muerte*: como “narcosatanica”.

Em contrapartida, algumas matérias abordam de uma forma bem interessante e informativa sobre os mais variados assuntos que não são atrelados a essa onda de violência e sensacionalismo. Nas outras cerca de 16 matérias analisadas, pode-se observar que trazem de forma imparcial e ainda positiva neutra sobre esse culto, como por exemplo, abordando a origem da *Santa Muerte* apoiados em aporte teórico adequado, mitos e fatos sobre o culto, entrevistas com seguidores, peregrinações, ambiguidades, relatos de pessoas em busca de rendição e histórias de superação atreladas a fé a esse culto, etc. Ou seja, trazem uma visão social se aproximando de fato da realidade dos grupos ligados ao culto à *Santa Muerte*.

Como bem coloca a antropóloga Katia Perdigón (2008):

Para se iniciar as análises do fenômeno religioso da Santíssima Morte, é importante precisar ao leitor que deverá romper com os prejuízos e ideais preconcebidas sobre este culto, pois a maioria das interpretações, sobre tudo pelos meios de comunicação e o clero católico mexicano, desqualificam está corrente devocional. (PERDIGÓN, 2008, p. 55).

Assim, com base no que foi trazido até aqui sobre a influência da mídia na marginalização desse culto é importante frisar que, é preciso analisar cada matéria, periódico ou artigo ao qual nos debruçamos a leitura sobre essa temática, sempre com um olhar crítico e o mais embasado teoricamente possível para que não haja julgamentos e conclusões, muitas vezes, precipitados, pois como destacam os pesquisadores sobre esse aspecto, a mídia também é uma ferramenta que ajuda a estigmatizar ainda mais esse culto e, igualmente, os grupos minoritários de devotos que não possuem envolvimento nesse mundo do narcotráfico e são ligados a essa devoção por muitas dessas matérias. No fim, esses grupos de devotos acabam também sendo igualmente vítimas dessa violência e, procuram justamente na fé na *Santa Muerte* um alento e uma protetora contra todo esse frenesi de criminalidade que assola essa sociedade, e que ao mesmo tempo, também precisam conviver com esses grupos opostos com o culto a *Niña Blanca* em comum.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decidir me dedicar a mergulhar por entre os caminhos ainda tão pouco explorados do culto à *Santa Muerte*, não imaginei que fosse encontrar tantos percursos tão diversos, e muito menos com tanto sentido e importância para a sociedade mexicana, em especial, no que dizem respeito a questões sociais e políticas. Foi a primeira vez que me senti feliz por estar errada.

Os aspectos culturais voltados às crenças religiosas das mais variadas sociedades ao redor do mundo sempre atraíram a minha atenção, todo o misticismo e esplendor em volta dos rituais e das divindades eram os elementos que mais me intrigavam, nunca tinha me voltado para o lado social de todas essas significâncias. Nesse aspecto, a *Santa Muerte* veio como uma carta coringa que eu tanto necessitava para desenrolar o meu restrito jogo em mãos, surgindo em meio as minhas paixões pelo antigo Império Asteca e o *Día de los Muertos* do México.

A pesquisa pretendeu entender como se constrói a marginalização desse culto e, através da análise da relação que possui com o Estado, com a Igreja Católica, as mídias de jornalísticas e entre os próprios grupos distintos de devotos, pode-se observar inúmeras disputas e manutenção de poder e sobrevivência entre todos esses elementos.

Um Estado ruindo por conta da extrema violência causada pelo crime desenfreado; uma Igreja Católica que teme pela sua hegemonia por conta da alta popularidade dos santos populares que fazem com que a população cada vez mais questiona-se sobre as problemáticas dentro da maior instituição religiosa do país; de uma mídia jornalística que ao mesmo tempo em que sofre a repressão, a censura e outrora aparelhamento, também encontra no sensacionalismo uma forma de promoção e defesa em meio a um ataque cego a esse culto; e, por fim, os diferentes grupos de devotos que, ao mesmo tempo em que vivem bem com todos os contrastes de indivíduos dentro do culto a *Santa Muerte*, também precisam resistir aos estereótipos criados em cima das particularidades em volta a violência corriqueira.

Os resultados da pesquisa mostraram ainda que, sejam elas as crenças chamadas oficiais ou as chamadas populares, pode-se perceber a importância na formação de uma sociedade que os fenômenos religiosos detém, sendo que através desses fenômenos, podemos entender como grupos distintos dentro dessas sociedades se comportam e por que se comportam de tal maneira, assim como, os impactos que certas manifestações podem vir

a ter nos espaços sociopolíticos de uma nação, e até mesmo em meio a disputas de poder. Por conseguinte, as mais variadas manifestações religiosas têm muito a oferecer aos pesquisadores historiadores, antropólogos, sociólogos, entre outras áreas diversas do conhecimento, trazendo à mesa inúmeras novas questões que surgem, muitas vezes, de respostas a questões anteriores. E essa foi uma grande motivação por escolher esse tema: as inúmeras lacunas abertas e tão pouco exploradas sobre esse culto.

No fim, a *Santa Muerte* é colocada como uma protagonista em meio a importantes conflitos, se por um lado ela é uma madrinha, uma heroína, quase uma figura materna para seus apaixonados devotos, para todo o resto ela é colocada como uma inimiga, uma cúmplice, uma malfeitora e que precisa ser combatida para que os males divinos e terrestres cessem. O que foi trazido nas páginas redigidas aqui nessa pesquisa, são apenas a ponta de um gigantesco *iceberg* em constante movimento e colisão, diversas questões foram surgindo conforme as leituras e a escrita foi sendo produzida, obrigando-me a ser extremamente rigorosa e disciplinada nos elementos que pré-selecionei, mas é certo que, o culto a *Santa Muerte* tem muito a oferecer a diferentes áreas do conhecimento que se ousam ir além das entrelinhas.

A *Santa Muerte* é uma importante figura, não apenas para o México, mas para a América Latina como um todo, ela é um reflexo das pluralidades desse continente, das resistências, das lutas, das sobrevivências, não apenas culturais, mas diárias de cada indivíduo das camadas populares e pobres que se arriscam em meio ao fogo cruzado pela sua existência e o sonho de um futuro melhor, e veem através das religiosidades populares criadas por esses grupos, um combustível regado de determinação e força.

Em tempos de matar ou morrer, a *Santa Muerte* aparece como o maior trunfo para esses indivíduos, tanto para que os proteja com seu manto e os dê mais alguns anos de vida, quanto para que quando for a hora de ter a alma colhida por sua foice, que seja um fim sereno e um pós-vida de repouso e sossego.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Syntia. **Mexicas e Mexicanos: A morte como identidade cultural**. Revista Agenda Social, vol. 9, n. 2, p. 82-90, 2015.
- AGUIAR, José Carlos G. **¿A quién le piden los narcos? Emancipación y justicia en la narcocultura**. Encartes, vol. 2, n° 4, p. 109-144, sept-mar, 2020.
- BAHIA, Ítalo Costa. **Guerras Sagradas: O caráter religioso das guerras astecas**. Ameríndia, Departamento de História da Universidade Federal do Ceará, vol. 3, n. 1, p. 2-8, 2007.
- BALLARIN, Pilar Castells. **La Santa Muerte y la cultura de los derechos humanos**. Tuxtla Gutiérrez, Chiapas. Revista LiminaR. Estudios sociales y humanísticos, año 6, vol. VI, n° 1, jun, 2008. ISSN: 1665-8027.
- BLANCARTE, Roberto J. **Laicidad y secularización en México**. Distrito Federal, México, Estudios Sociológicos - El Colegio de México, A.C., vol. XIX, n. 3, p. 843-855, 2001.
- BROMLEY, David. **Santa Muerte as Emergind Dangerous Religion?** USA: Virginia Commonwealth University, Religious Studies. Religions, vol. 7, n° 65, p. 17-33, 2016.
- CARVALHO, José Maurício. **Razão histórica e razão vital e o problema do conhecimento em Ortega y Gasset**. Prometeus. Sergipe, ano 5, n ° 10, p. 71-91, julho-dezembro, 2012.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Ed. 2. Portugal: Difusão Editorial, S.A, 1988.
- CHESNUT, R. Andrew. **Mexican Indigenous Death Goddesses Xaratanga and Mictecacihuatl Reimagined as Santa Muerte in Michoacan**. Most Holy Death, México, 30 de dez. de 2018. Disponível em: <<https://skeletonsaint.com/2018/12/30/mexican-indigenous-death-goddesses-xaratanga-and-mictecacihuatl-reimagined-as-santa-muerte-in-michoacan-photoset/>>. Acesso em: 28/09/2021.
- CHESNUT, R. Andrew. **Santa Muerte, A Santa Esquelética no México e nos Estados Unidos**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 55, p. 195-217, jul-dez. 2011. Editora UFPR. Tradução: Karina Kosicki Bellotti.

CICHOWICZ, Ana Paula Casagrande. **O que há por trás do espelho?! “Rito de Passagem” e “Liminaridade” em um conto de Machado de Assis.** Mosaico Social - Revista do Curso de Ciências Sociais da UFSC. Ano V, n. 05, p. 129-144, 2010.

GUERREIRO, Emanuel. **A ideia de morte - do medo à libertação.** Revista Diacrítica, Braga, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, vol. 28, n. 2, p. 169-197, 2014.

GIGLIO, Mirella. **Santa Muerte: Uma interpretação psicológica sobre a religiosidade marginalizada.** Revista Último Andar, nº 29, 2016.

GÍRON, Avery Dickins. **El Día de los Muertos: Historia y Costumbres.** Ed. 1. Tennessee, USA, Vanderbilt University (Center for Latin American Studies), 2012.

JOHANSSON, Patrick. **Día de muertos en el mundo náhuatl prehispánico.** Estudios de Cultura Náhuatl. Instituto de Investigaciones Históricas. p. 167-203, México., 2003.

JURKEVICS, Vera Irene. **Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular.** Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em História, 2004.

KINGSBURY, Kate. **Death Disrespected: The Trials and Tribulations of Santa Muerte Internacional and the Martyrdom of Comandante Pantera.** Small Wars Journal, 2021.

LARA, Blanca Estela Bravo. **Bajo tu manto nos acogemos: Devotos a la Santa Muerte en la ona Metropolitana de Guadalajara.** Nueva Antropología, México, vol 26, n 79, p. 11-28, julho-dezembro, 2013.

LOMNITZ, Claudio W.. **La idea de la muerte en México.** México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

LOMNITZ, Claudio W. **La Santa Muerte: estigma e intercambio.** Rio de Janeiro, Revista M., vol 3, nº 5, p. 103-113, jan-jun, 2018.

LUGO, Perla Orquídea Fragoso. **La muerte santificada: el culto a la Santa Muerte en la ciudad de México.** Revista de El Colegio de San Luiz Vetaz, Bonanzas, año 9, nº 26-27, may-dec, 2007.

MATA, Sérgio. **História e Religião**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

MALVIDO, Elsa. **La festividad de todos santos, fieles difuntos y su altar de muertos en México: Patrimonio intangible de la humanidad**. En: CONACULTA. **La festividad indígena dedica a los muertos en México**. p. 41-55, México, 2006.

MENDOZA, Juan Eric Luján. **Que viva el día de muertos: Rituales que hay que vivir en torno a la muerte**. En: CONACULTA. **La festividad indígena dedica a los muertos en México**. p. 23-39, México, 2006.

MACEDO, Marcelo Hernandez; PIRES, Flavio da Rocha; MARTINS, Alessandra. **Mídia e Democracia na América Latina. Notas preliminares**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Publicado na Revista Toma Uno, nº 5, p. 89-106, 2016.

MARTOS, Juan Antonio Flores. **Iconografías emergentes y muertes patrimonializadas en América Latina: Santa Muerte, muertos milagrosos y muertos adoptados**. Revista de Antropología Iberoamericana, vol 9, nº 2, p. 115-140, mayo-agosto, 2014.

_____, Octavio. **O labirinto da solidão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PETERS, José Leandro. **A História das Religiões no contexto da História Cultural**. Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História - UFJF, Minas Gerais, vol. 1, n. 1, p. 87-104, janeiro-junho, 2015.

PERDÍGON, Katia. **La Santa Muerte: Protectora de los Hombres**. México, D.F.: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2008.

PERRÉ, Caroline. **La iconografía de la Santa Muerte: antropología de una imagen abierta**. In: La Santa Muerte, Espacios, cultos y devociones, Alberto Hernández Hernández (coord.), México, El Colegio de la rontera Norte y el Colegio de San Luis, p. 207-227, 2016.

RETAMALES, Jaime. **Globalización del Narcotráfico, Narcocultura y Narcorrido**. In: Sobre el Estado Fallido: Regionalización del posgrado, corridos, buchones, violencia. Universidad Autónoma de Sinaloa. Revista Sinaloense de Ciencias Sociales, ARENAS, vol. 13, nº 30, jan-abr, 2012.

RINCÓN, Omar. **Todos temos um pouco do tráfico dentro de nós: um ensaio sobre o narcotráfico/cultura/novela como modo de entrada para a modernidade.** São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, vol. 7, nº 2, p. 193-219, jul-dez, 2013.

ROLLIN, Tracey. **Santa Muerte: The History, Rituals, and Magic of Our Lady of the Holy Death.** Canada: Weiser Books, 2017.

ROSEN, Jonathan Daniel; MARTÍNEZ, Roberto Zepeda. **La guerra contra el narcotráfico en México: Una guerra perdida.** Universidade de Costa Rica, San José. Reflexiones, vol. 94, nº 1, p. 153-168, 2015.

RUIZ, Claudia Reyes. **Historia y actualidad del culto a la Santa Muerte.** El Cotidiano, Distrito Federal, México: Universidad Autónoma Metropolitana - Unidad Azcapotzalco, nº 169, septiembre-octubre, p. 51-57, 2011.

SALINAS, Orlando. **Veneran con altar a Mictlantecuhtli y La Santa Muerte en Chimalhuacán.** El Sol de Toluca, México, 2 de set. de 2020. Disponível em: <<https://www.elsoldetoluca.com.mx/doble-via/virales/veneran-con-altar-a-mictlantecuhtli-y-la-santa-muerte-en-chimalhuacan-5706557.html>>. Acesso em: 28/09/2021.

SILVA, Eliane Moura. Religião: Da fenomenologia à história. *In*: SILVA, Eliane Moura da. et al. **Religião e Sociedade na América Latina.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 11-16.

SOUSA, Antônia Ellita Correia; SILVA, Kátia Adriano M.; FONTENELE, Silvia Helena de Mendonça. **Os Astecas e sua relação com a morte.** Ameríndia, Departamento de História da Universidade Federal do Ceará, vol. 2, n. 2, p. 2-8, 2006.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; ZAMORA, Ana Rosalva Osuna. **Jornalismo em contexto de violência. Uma visão dos jornalistas do Jornal Noroeste, em Sinaloa, México.** Revista Internacional de Comunicación y Desarrollo, 7, p. 135-146, 2017.

UGARTE, Ana Luisa Haindl. **La Muerte en la Edad Media.** Revista Electrónica Historias del Orbis Terrarum, Santiago, n. 01, 2009.

VILLASENOR, Rafael Lopes; CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. **A celebração da morte no imaginário popular mexicano.** Revista Temática Kairós Gerontologia, São Paulo, vol. 15, n. 12, p. 37-47, 2012.

WHITTINGTON, Christine A. **La Santa Muerte: Origin and significance of a mexican folk saint.** A thesis submitted to the Graduate Faculty of Wake Forest University Graduate School of Arts and Sciences for the Degree of Master of Arts in Liberal Studies, Winston-Salem, North Carolina, 2011.